

REVISTA

# WEST

EDIÇÃO 259 — 07/03/2025

## O VOO DA ÁGUIA

Trump exibe a força da única superpotência do planeta para deixar claro que é melhor entender-se com os EUA antes da briga do que pedir socorro depois. O Brasil, para defender seus interesses, teria de pensar nisso — e não no catecismo ideológico do governo Lula

# Trump abriu as asas da águia

A ave que simboliza os EUA aprendeu que basta exibir a envergadura para mostrar seu poder



Entre a assinatura de um decreto que transfere a promessa de campanha para a vida real e um discurso que concretiza o que parecia conversa de candidato, Donald Trump não para de surpreender o mundo com aulas práticas que escancaram verdades que estavam a um palmo do nariz. Um exemplo: gastanças inúteis são mais facilmente localizadas (e suprimidas) por empresários que enriqueceram também pela aversão ao desperdício. Outro: não faz sentido despejar um oceano de dólares no financiamento de entidades que dormem e acordam sonhando com a extinção do imperialismo ianque. Mais um: por que cobrar tarifas mais baratas do que as fixadas pelo parceiro comercial? Um país não pode sofrer punições por ser mais rico. Nenhuma nação pode agir como se fosse uma ramificação da Sociedade São Vicente de Paulo.

A novidade mais relevante foi também a menos surpreendente: se a negociação de um acordo for conduzida pelo mesmo homem que chefia a única superpotência do planeta, o

caminho da paz será encurtado caso fique claro que o mediador pode derrotar sozinho os exércitos em guerra juntos. O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, não sabia disso ao aparecer na Casa Branca para um encontro com o presidente americano. Ao subir o tom da conversa, descobriu que havia um Trump onde costumava ser recepcionado por Joe Biden. E viveu sua Quarta-Feira de Cinzas quando o Brasil ainda celebrava o pré-Carnaval.



O presidente americano Donald Trump e o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, na Casa Branca (28/2/2025) | Foto: Reuters/Brian Snyder

Numa reunião com o primeiro-ministro britânico Keir Starmer, Trump dissera que ajudaria Zelensky a recuperar territórios ocupados pela Rússia. "Grande parte do litoral foi tomado, e falaremos nisso", informou durante a conversa no Salão Oval. "Vamos ver se podemos recuperá-lo ou recuperar boa parte dele para a Ucrânia." O anfitrião procurou ser gentil com o visitante. Elogiou "a coragem e a resiliência do povo ucraniano", colocou desavenças anteriores na conta das "pequenas brigas de negociações" e fez um gracejo ao ver que Zelensky havia ignorado a recomendação para que aparecesse na Casa Branca de terno. "Acho que ele está lindamente vestido", comentou. Em seguida, celebrou o acordo de exploração de minerais que ambos já haviam aprovado. "Estamos ansiosos para entrar e cavar, cavar, cavar", disse Trump, que

prometeu publicamente manter a ajuda militar à Ucrânia. Mais: os EUA já admitem a possibilidade de enviar tropas que, ao lado de soldados franceses e britânicos, garantiriam o cumprimento do acordo de paz aprovado pelos países em guerra.

"Isso deveria ter soado como música para os ouvidos de Zelensky", comentou o jornalista Marc Thiessen, do insuspeito *The Washington Post*. "Em vez disso, ele começou a criticar Trump diante da plateia de jornalistas." Depois de rejeitar sumariamente a hipótese de um cessar-fogo imediato, Zelensky acusou Vladimir Putin de ter quebrado esse tipo de trégua 25 vezes. "Ele nunca fez isso quando eu estava envolvido", disse Trump. "Não, não, você era o presidente", repetiu o visitante. "Não quando eu estava envolvido", reiterou Trump. Zelensky insistiu na desfeita. O *Washington Post* resumiu numa frase a perplexidade de quem vê as coisas como as coisas são: "Zelensky fez o possível para arrancar a derrota das garras da vitória".



ferrygno e bielferrigno  
eladwan.ahmed · Áudio original

Ver perfil



O general aposentado Jack Keane, numa entrevista à Fox News, ditou o que deveria ter recitado Zelensky diante das câmeras: “Obrigado, Senhor Presidente. Obrigado, Estados Unidos. Vou trabalhar com vocês para alcançar um fim pacífico para essa guerra”. Keane está certo, endossou o *Washington Post*. “Se Zelensky tivesse ficado quieto, o acordo de minerais seria assinado, os Estados Unidos estariam financeiramente investindo na Independência da Ucrânia e ele estaria elaborando estratégias com Trump para recuperar seu território durante as negociações. Em vez disso, alienou o homem de quem depende o destino de seu país. Era como assistir a um homem se afogando que continua recebendo a oferta de uma boia salva-vidas, mas se recusa a pegá-la.”

Desde que a águia americana foi transformada num dos símbolos do país, a grande maioria dos inquilinos da Casa Branca pareceu inspirar-se na ave que só prolifera na América do Norte. Em terra, a espécie

mantém as asas encolhidas, o que parece reduzir seu tamanho. Só ao abri-las para a decolagem é possível contemplar a envergadura que lhe permite voar mais alto que as demais ramificações da espécie. Os governantes americanos também só exibem o poderio nacional quando é preciso reagir a algum desafio ou prevenir ameaças. Foi assim nas duas maiores guerras ocorridas no século passado.

Longe das frentes de combate até 1917, tropas americanas só entraram na Primeira Guerra Mundial depois que a Alemanha começou a atacar indiscriminadamente qualquer tipo de embarcação. Na Segunda Guerra Mundial, o presidente Franklin Roosevelt teve de camuflar sua aversão à Alemanha Nazista e conter a tentação de socorrer a Inglaterra para não contrariar a maioria dos americanos que queriam distância de conflitos em outro continente. Em sigilo, Roosevelt atendeu parcialmente aos apelos do

primeiro-ministro britânico Winston Churchill. Submarinos americanos escoltaram comboios de navios ingleses nas águas do Atlântico, material bélico produzido nos EUA foi remetido clandestinamente a portos europeus, empréstimos multimilionários garantiram a sobrevivência de multidões bombardeadas. O triunfo nazista só não se consumou porque os comandantes militares do Japão acharam uma boa ideia atacar a base americana de Pearl Harbor, no Pacífico. O bombardeio começou na manhã de 7 de dezembro de 1941, um domingo. No dia seguinte, os EUA declararam guerra aos integrantes do Eixo. Em 1945, duas bombas nucleares apressaram a rendição do Japão. A Alemanha Nazista e a Itália fascista não existiam mais. De novo, os Estados Unidos salvaram a Europa e a democracia.



[Legendado] - Primeiro discurs...



Com a vitória de Trump, o comportamento da águia americana mudou. “Se eu estivesse no lugar de Biden, não haveria a guerra entre a Rússia e a Ucrânia nem a invasão de Israel pelo Hamas”, repetiu o candidato em campanha. Bastaria abrir as asas da ave para que o mais belicoso combatente ficasse mais cauteloso. O que parecia apenas bazófia de candidato concretizou-se na continuação do duelo entre Zelensky e o oposto de Biden. Trump ordenou ao interlocutor desbocado que

se mostrasse grato aos EUA, avisou que os interesses americanos estão acima das demais nações, revogou o acordo que praticamente fechara com o visitante, suspendeu o envio de dinheiro e armamentos e recomendou-lhe que só reaparecesse em Washington quando estivesse disposto a buscar a paz.

Funcionou. Antes que a semana terminasse, Zelensky qualificou o episódio de "lamentável", disse que "é hora de consertar as coisas" e declarou-se mais disposto do que nunca a "buscar a paz sob a liderança do presidente Trump". E a Rússia? "Putin vai concordar", garantiu. "Tenho motivos para fazer essa afirmação." Um deles é a águia em sua versão 2025, que também vem acelerando a busca de um acordo entre Israel, a Autoridade Árabe e outros países da região. "O acordo não vai demorar", garantiu Trump. O Hamas está fora dessa. Motivo? "Uma organização terrorista não é um país."

Concentrada nessas prioridades, logo a águia americana estará sobrevoando com mais

frequência paragens que tratam a pontapés princípios e direitos considerados cláusulas pétreas pela mais sólida e vigorosa democracia do mundo. O governo brasileiro finge não ter visto ave nenhuma. Se vier algum aumento de tarifa, o revide será imediato, sussurram os devotos de Lula. Os ministros do Supremo Tribunal Federal parecem convencidos de que nem a águia americana atinge a altitude das nuvens que os hospedam há seis anos. Deveriam aconselhar-se com Zelensky.



Donald Trump, durante sua posse como 47º presidente dos Estados Unidos (20/1/2025) | Foto: Reprodução/Twitter/X

# Carta ao Leitor – Edição 259

O Oscar recebido pelo filme *Ainda Estou Aqui* e o discurso de Donald Trump no Congresso americano estão entre os destaques desta edição



Menos de dois meses depois de regressar à Casa Branca, Donald Trump já deixou claro que vai cumprir tudo o que prometeu durante a campanha – começando por transformar em prioridade número 1 os interesses do país. Num discurso aprovado por mais de 70% da população, o presidente dos EUA criticou a doutrina *woke*, mostrou a redução da gastança com programas inúteis, elogiou o trabalho dos policiais da fronteira e avisou que continuará combatendo a imigração ilegal, entre outras medidas animadoras. No Brasil, a imprensa estatizada optou por destacar – para criticá-la, evidentemente – a ideia de aumentar tarifas sobre a importação de produtos brasileiros.

Esses veículos de comunicação também ignoraram dados relevantes que enriquecem a reportagem de **Carlo Cauti** nesta edição. Por exemplo: em média, os Estados Unidos aplicam tarifas inferiores a 3% sobre bens importados. No Brasil, a taxa ultrapassa 12%. “Tirando acordos comerciais que reduzem bilateralmente essas barreiras alfandegárias, o resto do mundo é muito mais protecionista do

que os Estados Unidos", resume Cauti.

No conjunto de reportagens e artigos que também tratam do tema da capa, **Ana Paula Henkel** analisa o discurso de Trump no Congresso, também comentado por **Rodrigo Constantino**. **Augusto Nunes** descreve o novo estilo de voo da águia, que é um dos símbolos da nação americana, enquanto **Adalberto Piotto** se concentra nas questões econômicas.

"Anos atrás, Hussein Kalout, professor e pesquisador brasileiro na Universidade Harvard, e que também foi secretário de Assuntos Estratégicos no governo de Michel Temer, defendeu a tese de que uma verdadeira potência global precisa atender a pelo menos cinco requisitos", observa Piotto. São eles: ser uma potência diplomática, econômica, militar, educacional (incluindo ciência e tecnologia) e alimentar. Como explica Piotto, os EUA são a única nação no mundo que preenche todos esses requisitos, além de ser uma potência energética e a principal referência no campo da democracia e da liberdade.

O Brasil, por enquanto, é uma potência alimentar — apesar do governo: Lula já acusou de fascista o agronegócio. Além disso, o país está na mira do governo e do Congresso americanos por desrespeitar a democracia, os direitos humanos e a liberdade de expressão.

Essa realidade ficou ainda mais evidente nesta semana. O Brasil ganhou, pela primeira vez, o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro com *Ainda Estou Aqui*, de Walter Moreira Salles. O longa-metragem conta a história do ex-deputado Rubens Paiva, desaparecido em 1971, depois de ser preso e morto pelo regime militar. Em seu artigo, **Alexandre Garcia** relembra uma frase da protagonista Fernanda Torres, que interpreta Eunice Paiva, mulher de Rubens: “O filme é uma reflexão sobre o que significa viver em um regime autoritário, onde qualquer um pode ser preso. Sobre o que significa habitar um país que suspende os direitos civis”. Para Garcia, a conclusão é inevitável: “O Rubens Paiva de hoje é o Clezão”.

Cleriston da Cunha morreu no cárcere — sob

custódia do Estado, portanto —, depois de terem sido ignoradas dezenas de documentos que comprovavam sua precária condição de saúde. Outros correm o mesmo risco. Sexagenários foram condenados a penas que ultrapassam 15 anos de prisão. A mãe de duas crianças pequenas foi castigada com 17 anos por ter escrito numa estátua, com batom, uma frase dita meses antes pelo ministro Luís Roberto Barroso, presidente do STF. Outro manifestante foi sentenciado à mesma pena por ter pegado a réplica da Constituição durante os protestos de 8 de janeiro e devolvido o livro no dia seguinte, espontaneamente, à Polícia Federal.

Em meio à desintegração da democracia brasileira, uma notícia menos desoladora. Como mostra a reportagem de **Cristyan Costa** publicada no site de **Oeste** nesta quarta-feira, 5, Alexandre de Moraes [absolveu Jean Brito da Silva](#), autista de 28 anos preso durante as manifestações do dia 8. A decisão foi divulgada depois da revelação por **Oeste** da história do catador de material reciclável. Silva

passou seis meses preso, sem contato com a família, em uma cela apertada na Papuda, em Brasília, junto a outros 12 homens. Apesar da inocência comprovada, ele continua preso a uma tornozeleira eletrônica.

Crimes como o cometido contra Rubens Paiva foram transformados em más lembranças do passado em 1979, quando a decretação da anistia ampla, geral e irrestrita começou a pacificar o país. É esse o caminho que tem de ser trilhado para que crimes como o cometido contra Clezão não se repitam neste estranho Brasil do presente.

Boa leitura.

Branca Nunes,

Diretora de Redação

REVISTA

REVISTA  
FOLHA

EDIÇÃO 259 — 07/03/2025



O VOO DA  
**ÁGUIA**

Trump exibe a força da única superpotência do planeta para deixar claro que é melhor entender-se com os EUA antes da briga do que pedir socorro depois. O Brasil, para defender seus interesses, teria de pensar nisso — e não no catecismo ideológico do governo Lula

# Um farol no topo da colina

A Era de Ouro de Trump busca sepultar a disforia *woke* e a hesitação e fraqueza globais com um patriotismo sem remorsos



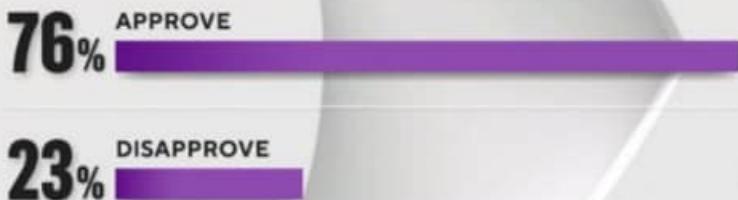
O discurso de Donald Trump na última terça-feira, 4 de março, marcou a primeira fala do presidente americano perante o Congresso desde que ele recuperou o Salão Oval, em janeiro. Embora semelhante a um discurso do Estado da União, a exposição de Trump não teve o mesmo título oficial, pois ele não está no cargo há pelo menos um ano inteiro.

Uma pesquisa da CBS News logo após o discurso não trouxe boas notícias para os democratas. Entre os entrevistados do canal, que tem um alinhamento maior com o Partido Democrata, os números insistem em mostrar que os democratas terão pela frente um trabalho gigantesco para tentar estancar os resultados da colossal vitória dos republicanos na eleição de novembro:

- 76% aprovaram o discurso como um todo.
- 77% aprovam o plano do governo de cortar gastos públicos.
- 77% aprovam as políticas de fronteiras.
- 68% aprovam o curso das tratativas entre

## VIEWS OF TRUMP'S SPEECH

AMONG SPEECH WATCHERS



## TIME TRUMP SPENT ON ISSUES YOU CARE ABOUT

AMONG SPEECH WATCHERS

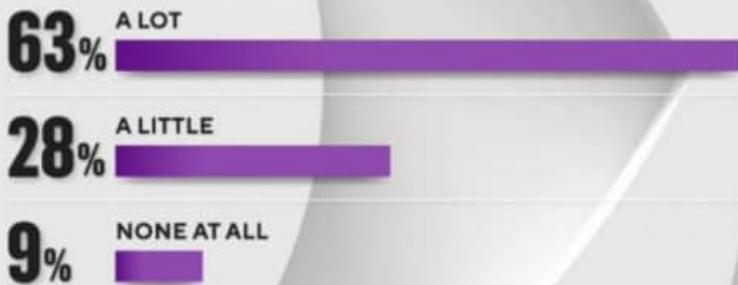


Foto: Reprodução CBS

## DOES TRUMP HAVE A CLEAR PLAN FOR INFLATION?

AMONG SPEECH WATCHERS

Foto: Reprodução CBS

©CBS NEWS POLL | YouGov

MOE: +/- 3.4 PTS  
MARCH 4, 2025

## DOES TRUMP HAVE A CLEAR PLAN FOR INFLATION?

AMONG SPEECH WATCHERS



©CBS NEWS POLL | YouGov

MOE: +/- 3.4 PTS  
MARCH 4, 2025

## LIKE TRUMP'S PLANS FOR...

AMONG SPEECH WATCHERS

	LIKE	DISLIKE
WASTE IN GOVERNMENT SPENDING	77%	23%
IMMIGRATION & THE BORDER	77%	23%
UKRAINE & RUSSIA	73%	27%
TARIFFS	65%	35%

Foto: Reprodução CBS

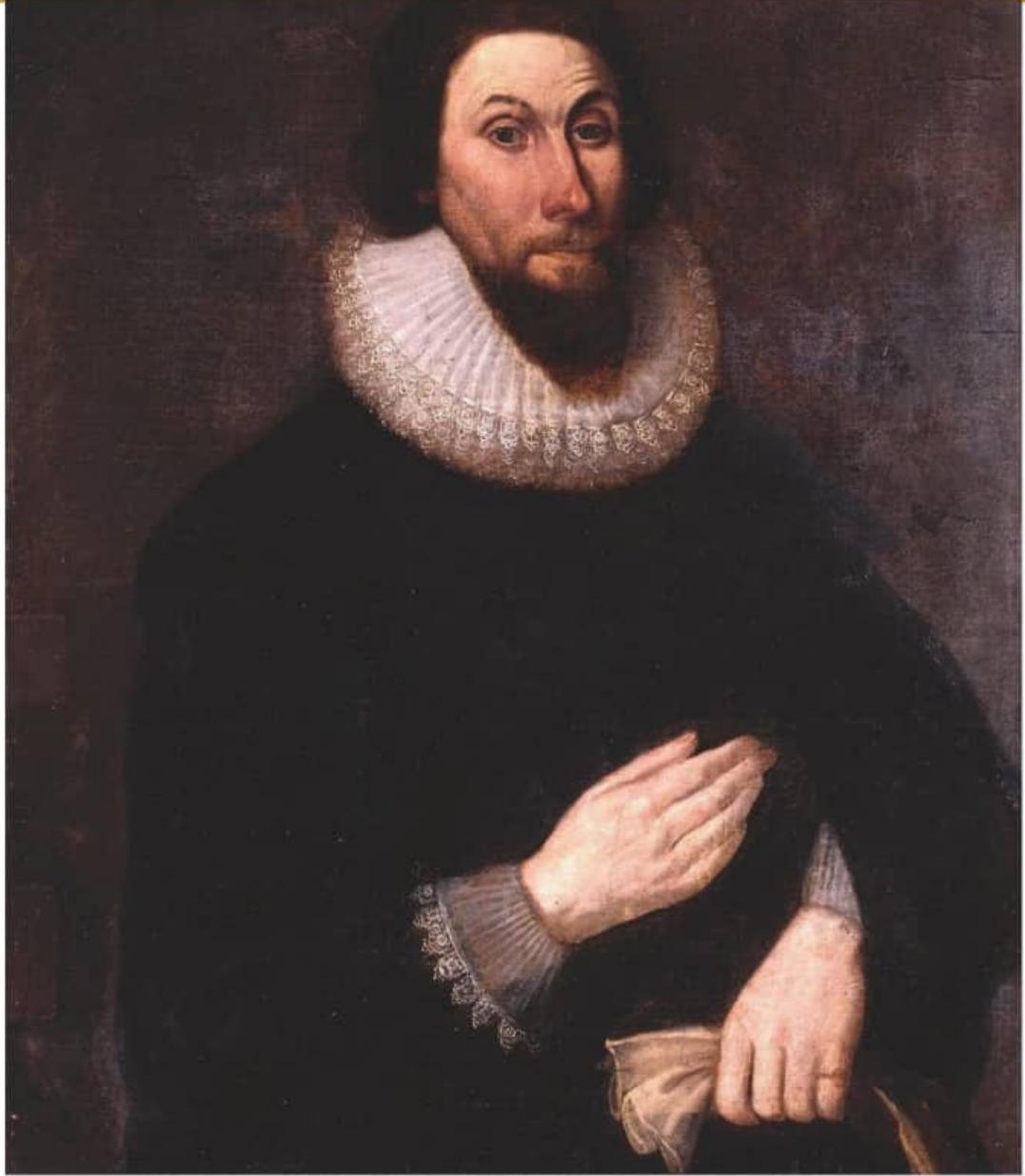
Mas o que faz parte da receita da envolvente oratória de Donald Trump, mesmo com pequenas “malfiliações”? A conexão com páginas da orgulhosa América que deu certo. Que trabalha. Que cria seus filhos para honrar pai e mãe. Que ora. Que recebe seus imigrantes legais de braços abertos para o engrandecimento de sua sociedade. Que cria e que fomenta ambientes para a criação. Que respeita seus símbolos, seus heróis e suas instituições. Que estimula a autossuficiência. Que brilha em todo sonho de um futuro melhor.

## **A cidade no topo da colina**

Em 1630, John Winthrop, a bordo do Arbella e liderando os primeiros imigrantes da Inglaterra para o Novo Mundo, deu a missão a seus irmãos puritanos usando uma passagem tirada do livro de Mateus (5:14): “Seremos como uma cidade no topo de uma colina”. Ali estava um voto solene – um assentamento ordenado cuja luz iluminaria qualquer mundo caído.

A visão fincou raízes na alma americana,

ressoando ao longo da história. Em 1776, *Common Sense*, de Thomas Paine, uma das obras que inspiraram a Revolução Americana contra a Coroa Britânica, lançou a jovem nação como um “farol” para o amanhecer da liberdade, enquanto em 1838 o abolicionista Wendell Phillips evocou as palavras de Winthrop para exigir um brilho moral, uma cidade reluzente não apenas em riqueza, mas em justiça.



Retrato de John Winthrop, governador da Colônia da Baía de Massachusetts (1630) | Foto: Domínio Público

No século 20, a expressão alcançou novas alturas. Em 1961, o presidente John F. Kennedy discursou para a Corte de Massachusetts imbuído do legado de Winthrop. Ao enfrentar uma nação à beira de uma década turbulenta, ele evocou o passado: “Hoje, os olhos de todos os povos estão verdadeiramente sobre nós – e nossos governos, em cada ramo, em cada nível, devem ser como uma cidade sobre uma colina construída e habitada por homens cientes de sua grande confiança e de suas grandes responsabilidades”. Para Kennedy, era um chamado à liderança exemplar em meio às tensões da guerra fria e às lutas por direitos civis – um farol de democracia sob o escrutínio global, cada ato um testemunho da promessa da liberdade.

Ronald Reagan, por sua vez, fez da “cidade sobre uma colina” uma marca de sua era. Ao invocá-la pela primeira vez em um discurso em 1974 para conservadores, ele imaginou a América como uma “cidade brilhante” cuja luz poderia penetrar na penumbra de um mundo dividido pelo comunismo. Eleito em 1980, ele

ergueu a frase como um chamado de luta pela nação. Em sua campanha para a reeleição, em 1984, ele pediu aos americanos que mantivessem essa cidade “forte e livre – uma luz brilhante para toda a humanidade”.

Já em seu discurso de despedida, de 1989, Reagan cristalizou a frase em sua administração: “Falei da cidade iluminada por toda a minha vida política... uma cidade no alto, orgulhosa, construída sobre rochas mais fortes que oceanos, abençoada por Deus e repleta de pessoas de todos os tipos vivendo em harmonia e paz”. Para Reagan, eram as vitórias passadas da América – derrotando a tirania e defendendo as liberdades – que seriam um triunfo na guerra fria, reluzindo contra a sombra da Cortina de Ferro.



Ronald Reagan durante seu discurso de aceitação, na Convenção Nacional Republicana, em Detroit, MI, EUA (17/7/1980) | Foto: Wikimedia Commons

## **Dois outsiders**

Desde sua primeira campanha, em 2016, Donald Trump tem bebido profundamente na fonte da Era Reagan, canalizando o otimismo inabalável de Ronald Reagan, o populismo

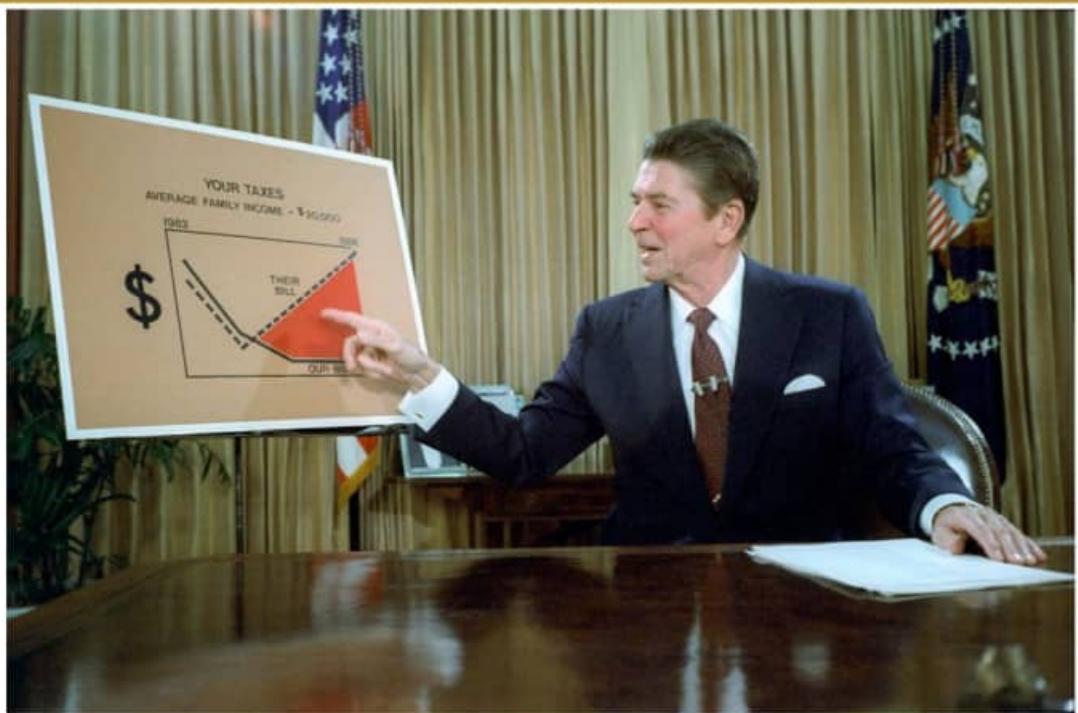
econômico, a conexão com as classes que alimentam as engrenagens americanas e a defesa cultural em um molde moderno, que definiu ambos os seus mandatos. [Escrevi sobre isso logo após a vitória de Trump, em 2024.](#)

Como Reagan, que chegou ao poder nos anos 1980 prometendo cortar impostos, desmantelar o inchaço burocrático e restaurar o orgulho americano após anos de estagnação econômica e recuo global, Trump construiu sua marca política com promessas de tarifas para proteger trabalhadores, desregulamentação para liberar o crescimento e uma rejeição ousada ao politicamente correto que ecoa o desprezo de Reagan pela agenda esquerdista e segregacionista.

Ambos os homens têm perfil *outsider* – Reagan com seu polimento de Hollywood, Trump com sua personalidade de *reality show* – e se posicionam como peças importantes de uma nação traída pelas elites. Desde os cortes de

impostos até as guerras comerciais, passando pela “América em Primeiro Lugar” e agora com a cruzada anti-woke de seu segundo mandato, Trump espelha a fusão de Reagan entre zelo pelo livre mercado e fervor patriótico, cada um denunciando o excesso governamental enquanto exalta o homem comum.

A retórica de Trump também encampa o famoso “Amanhecer na América” de Reagan, que prometia renovação após a melancolia de Jimmy Carter. “Tornar a América grande novamente” (*“Make America great again”*) – *slogan* de ambos – é a promessa de reverter anos de declínio.



O presidente Ronald Reagan discursa sobre a legislação de redução de impostos, no Salão Oval, em Washington, D.C. (27/7/1981) | Foto: Wikimedia Commons

## 'A América está de volta'

E tudo isso foi visto na terça-feira no discurso de Trump para a nação na sessão conjunta do Congresso. Entregando uma manifestação que pulsava urgência, desafio, mas esperança no trabalho e na confiança do país, Trump

discursou por uma hora e 40 minutos — o discurso presidencial ao Congresso mais longo dos tempos modernos.

Em uma era de divisão, em que o outro lado vive apenas críticas e até o uso do Judiciário para derrubar seus oponentes, as palavras de Donald Trump foram um choque de inspiração e união, reforçando a “cidade sobre uma colina” em uma visão ousada e imponente. Onde Winthrop buscou a graça divina, Paine o fogo revolucionário, Phillips a clareza moral, Kennedy o dever global e Reagan o resplendor harmonioso, Trump ofereceu um otimismo robusto — uma nação não apenas brilhando, mas dominando, construída por um povo decidido a retomar sua grandeza.

Em meio a tarifas abrangentes que abalaram os mercados globais, um governo remodelado pelo Departamento de Eficiência Governamental de Elon Musk e uma guinada na política externa que pausou e irritou o complexo industrial de guerra no planeta — inclusive em Washington —, Trump ousou propor a complexa ajuda ao povo ucraniano e

russo: uma real possibilidade de paz.

O discurso tocou em vários pontos do seu já expressivo segundo mandato. Mas foram as primeiras frases que entregaram o tom de Trump: “A América está de volta – e não apenas de volta, estamos avançando para a Era de Ouro da América!”



Donald Trump, presidente americano, discursa em uma sessão conjunta do Congresso, no Capitólio dos EUA, em Washington, D.C. Ao fundo, J.D. Vance, vice-presidente, e Mike Johnson, presidente da Câmara (4/3/2025) | Foto: Reuters/Win McNamee

## **Uma nação livre**

Ao ouvir o que está entalado na garganta de milhões, a Casa dos Representantes explodiu em aplausos republicanos. Uma onda visceral de entusiasmo abafou os democratas enquanto Trump descrevia os 43 dias de segundo mandato como uma revitalização sísmica, comparando sua enxurrada de quase cem ordens executivas e mais de 400 ações aos feitos fundacionais de George Washington. A energia era palpável desde o início, até pela TV.

Ele também destacou a tão esperada proteção das fronteiras contra a imigração ilegal, e sua voz cresceu ao anunciar tarifas abrangentes impostas naquele dia ao México (suspenhas temporariamente nesta quinta-feira, 6 de março), Canadá e China – taxas de 10% a 25%, que ele chamou de “o maior programa de empregos da história”. Ao apontar para a nova fábrica de US\$ 4,5 bilhões da Honda em Indiana, anunciada naquela semana, ele bradou: “Isto é a América construindo

novamente – aço, suor e orgulho!"

Trump não poupou elogios ao Departamento de Eficiência Governamental (DOGE), comandado por Elon Musk, por cortar mais de 100 mil empregos federais e bilhões de dólares em ajuda externa sem o menor sentido para os Estados Unidos: "Arrancamos o desperdício – centenas de bilhões em fraudes – e devolvemos o poder ao povo!"

A inspiração de sua visão de uma "Era de Ouro" para a América ganhou vida com histórias de garra americana. Em um momento emocionante, Trump voltou a atenção da nação para Devarjaye "DJ" Daniel, um garoto de 13 anos que aspirava a se tornar policial, mas foi diagnosticado com câncer no cérebro em 2018, e o nomeou membro honorário do Serviço Secreto dos EUA. O garoto DJ recebeu sua nova identificação de agente honorário do Serviço Secreto das mãos de Sean Curran, o mesmo agente que protegeu Donald Trump na primeira tentativa de assassinato no comício em Butler, na Pensilvânia, em 13 de julho de 2024.



Devarjaye "DJ" Daniel foi nomeado agente honorário do Serviço Secreto, durante o discurso de Donald Trump, em Washington, D.C. (4/3/2025) | Foto: Reuters/Evelyn Hockstein

Devarjaye "DJ" Daniel foi nomeado agente honorário do Serviço Secreto, durante o discurso de Donald Trump, em Washington, D.C. (4/3/2025) | Foto: Reuters/Evelyn Hockstein



Donald Trump, então candidato presidencial republicano, sofre um atentado a tiro durante um comício de campanha, em Butler, na Pensilvânia, EUA (13/7/2024) | Foto: Reuters/Brendan McDermid

Em seu discurso, Trump propôs um plano tributário de US\$ 4,5 trilhões – estendendo os cortes da reforma tributária de 2017, quando era presidente, que eliminou impostos sobre gorjetas e benefícios do Seguro Social. A destruição da famigerada “cultura woke” por Trump foi um dos pontos centrais, entregue com uma prazerosa ferocidade. Ele anunciou uma ordem executiva banindo programas federais de diversidade, equidade e inclusão (DEI) e proclamou: “Acabamos com o experimento woke – governo é para vencer, não para choramingar!”

Ele também ridicularizou a “ideologia de gênero radical”, prometendo “proteger os esportes femininos e os vestiários de nossas filhas”, o que arrancou efusiva manifestação de apoio dos legisladores republicanos, enquanto democratas, como o deputado Al Green, gritavam de volta – apenas para serem expulsos no meio do discurso. Trump sorriu diante do caos, brincando: “Eles não aguentam a verdade: o woke está destruído, e nós o esmagamos”. Ele conectou esse estorvo

cultural à sua visão mais ampla, afirmando: “Estamos derrubando a falta de bom senso para construir uma Era de Ouro onde a força, não a fraqueza, nos define”.

Alguns democratas saíram da Câmara, mas Trump ignorou o desrespeito a uma tradição americana e transformou o dissenso em combustível, provocando: “Deixem eles irem – estão perdendo o maior retorno da história! A Era de Ouro da América apenas começou – uma nação livre, imparável e destemida!”



O deputado americano Al Green (D-TX) é expulso, depois de interromper aos gritos o discurso do presidente americano Donald Trump (4/3/2025) | Foto: Reuters/Kevin Lamarque

## O gigante renascido

Com o punho erguido, lembrando o gesto que fez logo depois da tentativa de assassinato na Pensilvânia com sangue escorrendo pelo rosto, Trump fez um chamado visceral à grandeza, apresentando a América como um gigante renascido – fronteiras seguras, empregos em alta, cultura retomada. Ele não apenas declarou “A América está de volta”; ele a encarnou, mostrando transparência na economia, e um ethos livre da nefasta cultura *woke* com a promessa de jovens exemplares que estavam na galeria da casa como uma tapeçaria de renovação nacional.

A Era de Ouro que ele prometeu na campanha não é sutil – é grande, ousada e desafiadora. Uma banana aos céticos e um grito de guerra aos crentes. A América que Trump propõe, e que só o tempo vai mostrar, avança a todo vapor para um futuro que apenas ele ousou desafiar no cenário político recente. Muitos o deram como um “morto politicamente”, mas Trump ressurgiu das cinzas com sua audácia e

otimismo. E as palavras de Trump ecoam a Era Reagan – remetendo à revitalização dos anos 1980 com força econômica e orgulho cultural.

Logo depois do discurso, Michael Reagan, filho de Ronald Reagan, foi até a rede X e postou: “Meu pai estaria aplaudindo o discurso de hoje à nação. Obrigado, Sr. Presidente, por nos fazer sentir orgulhosos novamente. Deus o abençoe e Deus abençoe a América.”

Michael Reagan, filho de Ronald Reagan, sobre o discurso de Donald Trump ao Congresso ontem:

“Meu pai estaria aplaudindo o discurso de hoje à nação. Obrigado, Sr. Presidente, por nos fazer sentir orgulhosos novamente. Deus o abençoe e Deus abençoe a América.”

:) ❤️ <https://t.co/ssfEyEbUI0>  
<pic.twitter.com/kpPtIKzAAE>

– Ana Paula Henkel (@AnaPaulaVolei)  
March 5, 2025

Enquanto o “Amanhecer na América” de Reagan baniu a melancolia da recessão com cortes de impostos, empregos e um ar de comando e superioridade na guerra fria, a Era de Ouro de Trump busca sepultar a disforia *woke* e a hesitação e fraqueza globais com um patriotismo sem remorsos.

Ambos os homens, separados por décadas, compartilham uma convicção comum: a América prospera quando ousa brilhar no topo da colina.

# A América voltou. Recomenda-se negociar

Com a estratégia política de impor tarifas que mexem com a economia interna dos países, Trump obriga todos a se sentarem à mesa e conversar



O histórico ex-presidente americano John Adams costumava dizer que “os fatos são coisas teimosas”. A lição é bem simples. Não adianta ignorá-los porque não se gosta deles. Eles – e Trump pelos próximos quatro anos – continuarão onde estão. Daí que esse mundo atônito poderia começar levando a sério o primeiro discurso do atual presidente no Congresso, feito na última terça-feira, 4 – Carnaval no Brasil, mas não em Washington, D.C.

Durante uma hora e 40 minutos, o presidente Donald Trump citou casos de jovens americanas vítimas da violência de imigrantes ilegais, solidarizou-se publicamente com suas famílias enlutadas, homenageou policiais de fronteira e mostrou que o combate à imigração ilegal não terá trégua. Foi um discurso para – e com – cidadãos reais de um presidente que não se afasta da realidade. E nada como exemplos para tornar uma política pública visível. Ao rememorar as descobertas de dias atrás de fraudes no Seguro Social, que encontraram 1,3 milhão de pessoas com idade

entre 150 e 159 anos, e até um segurado que teria 360 anos, entre vários casos, Trump deu forma ao seu trabalho de saneamento da administração herdada dos democratas. Ao falar da USAID, a agência de ajuda exterior que financiava projetos no mínimo controversos, mas alguns completamente escandalosos, deu mais números: US\$ 22 bilhões do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA para fornecer moradia e carros gratuitos para estrangeiros ilegais; US\$ 45 milhões para bolsas de estudo de diversidade, equidade e inclusão na Birmânia; outros US\$ 40 milhões para melhorar a inclusão social e econômica de migrantes sedentários; mais US\$ 60 milhões para o empoderamento de povos indígenas e afro-caribenhos na América Central; e US\$ 8 milhões para tornar camundongos transgêneros. Num país que elege até o xerife da cidade, quantos americanos aprovariam tais gastos?



**ferrygno e bielferrigno**

corriere · Áudio original

[Ver perfil](#)



## GABRIEL FERRIGNO

@FERRYGNO

X BIELFERRIGNO

**EUA:** Em discurso no Congresso na noite de ontem, Donald Trump expôs uma série de programas woke que receberam milhões de dólares do contribuinte americano através da USAID ao longo dos últimos anos.



Não há eleitor que não se sensibilize com medidas de moralidade, e essa é a conexão estabelecida que analistas de política e economia e diplomatas ideologizados parecem não levar em conta em suas precipitadas e preconceituosas análises sobre o novo presidente americano. Os efeitos positivos da esmagadora vitória do republicano, em novembro, serão longevos, porque o trabalho de recuperação da máquina pública ainda trará muitos escândalos e economia ao contribuinte. A devolução do país a todos os americanos, sequestrado que estava pelo movimento *woke* e por organizações multilaterais ineficientes, é algo que vai ficar em evidência por muito tempo, assim como o cansaço com os democratas e suas políticas de costumes. Donald Trump prometeu na campanha ser o antídoto a tudo isso e recuperar a terra dos livres e lar dos bravos, como diz o hino nacional americano. Ganhou a eleição e manteve o discurso. Em menos de dois meses de administração, já entregou resultados concretos. Não por acaso, tem uma das popularidades mais altas para

presidentes em segundo mandato, e seu discurso no Congresso foi aprovado por 75% da população.

Em qualquer governo, política e economia precisam convergir. E, em cada momento, um estará mais em evidência que o outro. E o momento agora é o da política. E Donald Trump sabe disso ao usar a alta aceitação popular para buscar condições mais favoráveis na economia. A política de reciprocidade tarifária de exportações e importações, ousada e até agressiva em muitos aspectos, é isso. Tanto que em um trecho do discurso ele aponta os dedos para o mundo inteiro, reclamando por tratamento justo:

*"Em média, a União Europeia, a China, o Brasil, a Índia, o México e o Canadá (você já ouviu falar deles?) e inúmeras outras nações nos cobram taxas tremendamente mais altas do que nós cobramos deles. É muito injusto. A Índia nos cobra taxas sobre automóveis superiores a 100%. A taxa média da China sobre nossos produtos é o dobro da que cobramos deles. E a taxa média da Coreia do Sul é quatro vezes*

*maior.”*

Não tenha dúvida de que o presidente americano e seu secretário do Tesouro, Scott Bessent, sabem que, no curto prazo, protecionismo e aumento de alíquotas podem gerar pressão inflacionária. Isso tem o poder de interferir na cadeia de suprimentos das próprias fábricas americanas. Em um país que reprovou a gestão democrata de Biden justamente pelo custo de vida em alta, o remédio não pode virar veneno. Mas, a se levar em conta o estilo Trump, a imposição de tarifas tem tudo para ser passageira na maioria dos casos, como já fez na suspensão até abril das tarifas sobre México e Canadá. E o próprio anúncio, feito com muita antecedência, deu condições para muita reposição de estoque. Num único ato de “reciprocidade de alíquotas”, Trump ganhou tempo interno para mitigar uma alta de preços forte e provocou pressão externa nos parceiros mundo afora que já gerou conversas bilaterais. Não é uma tacada de amador, convenhamos. E, nessa estratégia de impor

tarifas que mexem com a economia interna dos países, ele obriga todos a se sentarem à mesa com ele, que é quando cada interesse americano com cada país será discutido individualmente. Longe e se beneficiando de tarifas vantajosas em um mercado do tamanho dos Estados Unidos, que país iria à Casa Branca para conversar?

Mundo real 1: ninguém quer abrir mão do alto poder aquisitivo do mercado consumidor americano para seus produtos. Por isso, negociar para garantir pelo menos parte de seu fluxo de exportações é inevitável.

Mundo real 2: numa negociação aberta, um negociador como Trump não sai de mãos vazias. A presidente mexicana já disse que aumentou o controle das fronteiras. Qual cenário é melhor para dizer ao seu eleitor que a América está de volta e, mesmo que demore, será grande novamente?



Imagen publicada por Milei em suas redes sociais | Foto: Reprodução/TwitterX

Trump não tem nenhum problema em anunciar tarifas, recuar e renegociar tudo novamente. Fará isso quantas vezes for necessário, desde que todo mundo esteja por perto.

Anos atrás, Hussein Kalout, professor e pesquisador brasileiro na Universidade Harvard, que também foi secretário de Assuntos Estratégicos no governo de Michel

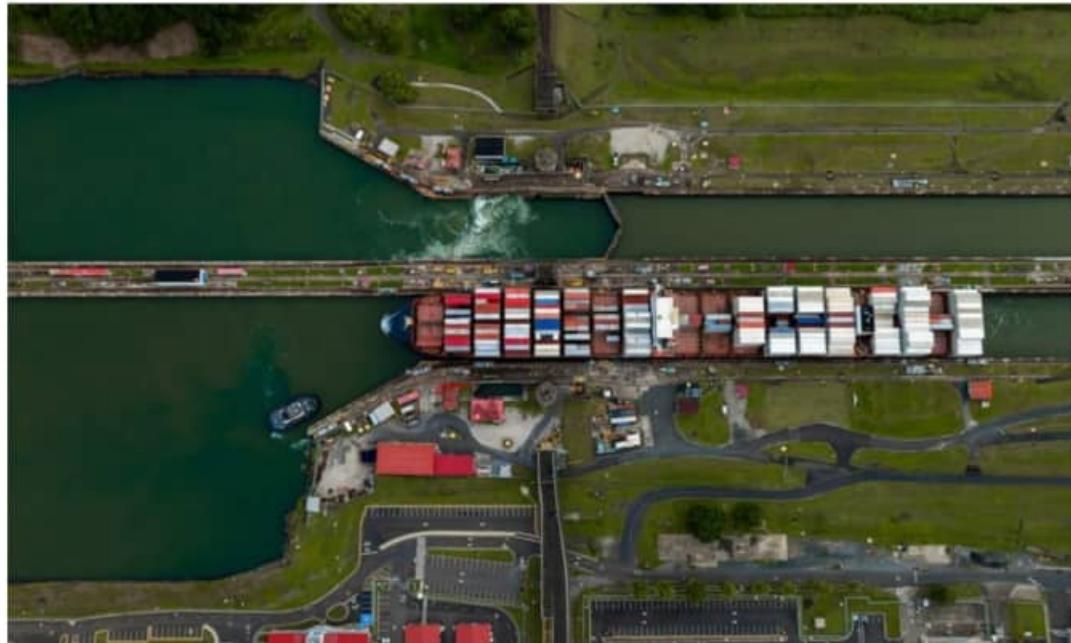
Temer, defendeu a tese de que uma verdadeira potência global precisava ter pelo menos cinco requisitos. Ser uma potência diplomática, uma potência econômica, uma potência militar, uma potência educacional e de ciência e tecnologia e, também, uma potência alimentar. E os Estados Unidos são a única nação do mundo que atende a todos esses requisitos, como também são uma potência energética com o bônus de ser a maior referência dos valores ocidentais de democracia e liberdade. De alguma forma, Trump torna isso tudo exponencial.

A retomada do controle do Canal do Panamá de um grupo chinês, liderada pelo fundo de investimentos americano BlackRock, é um caso de pressão diplomática, dissuasão militar e poderio econômico dos EUA. Foi o mesmo com Zelensky e com os europeus sobre a Ucrânia. Além do que, Putin, o presidente russo, só fala com Trump.

Ou seja, não tem acaso nessa resiliente supremacia americana. A Rússia só consegue ser de fato uma potência militar com vastas reservas de petróleo. Muito aquém dos tempos da guerra fria. A China emergente é economicamente uma potência, com crescimento tecnológico e militar incrível, mas seu regime autoritário jamais conseguiria se impor diplomaticamente, com a desvantagem de ser dependente de alimentos. Os europeus vivem de divisão e, sem os EUA, não têm Otan.

Por fim, na América Latina, o Brasil, embora seja uma das dez maiores economias do planeta, se resume a uma potência alimentar que faz inveja ao mundo inteiro, inclusive aos americanos, pela competência de seu agronegócio tecnológico, produtivo e eficiente que alimenta 1 bilhão de pessoas. É um *soft power* gigantesco, mas estamos em outro clube. Até porque o país perdeu seu outro valor, a diplomacia de mediação e agregação do Itamaraty, por escolhas erradas e movidas a ideologias ultrapassadas do governo Lula. Na presente guerra de tarifas, tem a chance de

demonstrar um pouco de sobriedade porque tem saldo deficitário em relação aos Estados Unidos. No entanto, a questão comercial é o menor de nossos problemas. A Casa Branca e o Congresso americano miram o governo Lula e o STF por desrespeito à democracia e aos direitos humanos, à liberdade de expressão e por perseguição a opositores e a empresas americanas. Nesse caso, não vai sair barato.



Canal do Panamá | Foto: divulgação

# America First

A 'guerra de tarifas' do governo Donald Trump é uma reação a uma economia global protecionista



"Vários países impuseram tarifas alfandegárias contra nós por décadas. Agora é nossa vez de começar a usá-las contra eles. Em média, a União Europeia, China, Brasil, Índia, México e Canadá, e inúmeros outros, cobram tarifas tremendamente mais altas do que nós cobramos deles. É algo muito injusto."

Assim o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, deixou bem clara a principal razão que está orientando sua política comercial: a reciprocidade. Aplicar o mesmo nível de tarifas para produtos importados de países que impõem barreiras alfandegárias aos itens americanos.

Segundo dados do Banco Mundial, em média os Estados Unidos aplicam uma tarifa de 2,72% sobre os bens importados. No Brasil, é de 12,38%. Quase seis vezes mais. No caso da Índia, 14,26%. Na China, 6,54%. No México, 6,02%.

Ou seja, tirando acordos comerciais que reduzem bilateralmente essas barreiras

alfandegárias, o resto do mundo é muito mais protecionista do que os Estados Unidos.

E esses impostos contribuem para alimentar uma enorme distorção. Em 2024, a balança comercial americana fechou com um rombo recorde de quase US\$ 1,3 trilhão. É o quarto ano consecutivo em que esse déficit supera o trilhão de dólares.

Mais da metade desse mar vermelho está concentrado nas transações com a China (cerca de US\$ 300 bilhões), União Europeia (cerca de US\$ 240 bilhões) e México (cerca de US\$ 170 bilhões).

Dados que não deixam dúvidas sobre a existência de um desequilíbrio no comércio internacional. Que continua pelo menos desde os anos 1980, mas se acentuou a partir do começo do século, quando a China entrou para a Organização Mundial do Comércio (OMC).

Se em 1991 a balança comercial americana tinha um leve déficit de cerca de US\$ 28 bilhões, em 2001 o rombo explodiu, superando

os US\$ 376 bilhões. Em uma década, o vermelho mais que decuplicou.



O déficit comercial dos EUA atingiu US\$ 1,3 trilhão em 2024, com China, UE e México puxando mais da metade. O desequilíbrio, agravado desde a entrada da China na OMC, cresceu drasticamente desde os anos 1990 | Foto: Reuters/Evelyn Hockstein

Trump quer reequilibrar esse cenário ao elevar barreiras que tornarão os produtos importados

mais caros no mercado americano. E, portanto, menos atrativos para os consumidores locais. Que comprarão menos, gerando menos importações e, com isso, reduzindo o déficit comercial.

Além disso, quer forçar as empresas que se deslocaram para mercados mais baratos a voltar a investir em solo americano, de modo a incentivar a substituição das importações pelas produções *in loco* e gerar empregos para trabalhadores americanos.

Segundo a Tax Foundation, entidade sediada em Washington, as novas tarifas prometidas por Trump poderiam reduzir as importações americanas em 15%, gerando cerca de US\$ 100 bilhões por ano em receita tributária federal extra.

### **Protecionismo pode não ser a solução**

Todavia, esses impostos alfandegários poderão ter efeitos negativos sobre a economia americana, como aumento significativo dos custos de produção,

interrupção das cadeias de suprimentos, eliminação de centenas de milhares de empregos e, por fim, elevação dos preços ao consumidor final.

"O problema de impostos alfandegários é que são uma resposta de curto prazo" explica Margarida Sarmiento Gutierrez, professora de economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). "Podem parecer razoáveis em primeira leitura, mas não resolvem o problema do déficit comercial estrutural dos Estados Unidos, que é provocado por uma redução da competitividade de alguns setores econômicos. Não será apenas por meio de barreiras tarifárias que setores industriais voltarão nos EUA."

De fato, junto com o aumento dos impostos alfandegários, o programa de governo de Trump prevê um mix de desregulamentação, menores impostos e oferta de energia abundante, para reduzir os custos de produção nos EUA.



Impostos alfandegários são uma solução de curto prazo e não resolvem o déficit comercial dos EUA, causado pela baixa competitividade. Trump propõe, além das tarifas, desregulamentação, corte de impostos e energia barata para estimular a indústria | Foto: Shutterstock

Durante seu primeiro mandato de governo, entre 2017 e 2020, Trump levou adiante exatamente essa estratégia, mesmo que de forma mais moderada. Reduziu o imposto de

renda corporativo de 35% para 21%, favoreceu a exploração de reservas petrolíferas do óleo de xisto e começou a aplicar impostos alfandegários. Nos primeiros anos de mandato, impôs tarifas de 50% sobre painéis solares e máquinas de lavar roupa, de 25% sobre importações de aço e de 10% sobre importações de alumínio.

Essa política econômica não foi alterada sensivelmente pela gestão de Joe Biden, que manteve a grande maioria dos impostos alfandegários criados por Trump e adicionou novos contra a China, como a taxa de importação sobre veículos elétricos. Sinal de que democratas e republicanos concordam em relação à necessidade de rever as distorções da balança comercial dos Estados Unidos.

## A raíz do problema: déficit fiscal

“Se de um lado aplicar impostos alfandegários é quase sempre um erro, do outro é preciso considerar que o caso da China é diferente”, diz Margarida. “Os produtos chineses de baixo custo estão invadindo o mundo ao

desrespeitarem as regras da Organização Mundial do Comércio (OMC), violando propriedade intelectual, manipulando a taxa de câmbio, subsidiando as produções, e não seguindo padrões ambientais, muito menos trabalhistas. Nesse caso, aumentar os impostos alfandegários teria algum sentido.”

Todavia, levar adiante uma política de reindustrialização poderia ter consequências negativas, principalmente no caso da inflação. Hoje, a economia americana registra um dos menores índices de desemprego da história – cerca de 4%. Em vários setores falta mão de obra, razão pela qual os EUA estão importando mão de obra imigrante e aumentando os salários. Com isso, alimentam uma espiral de alta dos preços.

Sem contar que a economia americana há décadas vem crescendo impulsionada por setores de tecnologia, como gigantes do Vale do Silício, fintechs, empresas de inteligência artificial etc. A chamada “velha economia”, baseada na manufatura com baixo valor agregado, foi transferida para outros países

com menor índice de desenvolvimento científico. Mas isso provocou o desemprego, ou a redução dos salários, dos trabalhadores não qualificados que atuavam nas plantas que fecharam nos EUA. Os “colarinhos azuis” da chamada “cintura da ferrugem”. Que perderam emprego, não conseguiram se realocar em outros setores e votaram em Trump para tentar reverter essa situação.



O Vale do Silício impulsionou a economia dos EUA, enquanto a manufatura foi transferida para outros países, o que agravou o desemprego entre trabalhadores menos qualificados | Foto: Shutterstock

"O problema é que a raiz do déficit comercial americano é o déficit fiscal", explica Reginaldo Nogueira, diretor nacional do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec). "A incapacidade dos Estados Unidos de fechar suas contas públicas no azul há mais de 40

anos injeta mais dinheiro na economia, aumenta o poder de compra dos consumidores locais e, com isso, aumenta as importações. Nem mesmo durante o final dos anos 1990, quando o governo federal voltou a registrar superávit primário, as coisas mudaram.”

## Dilema de potência

Na década de 1960, o economista belga-americano Robert Triffin desenvolveu a famosa “Teoria do Dilema”, que levou seu nome. Segundo ele, um país que tem uma moeda de reserva global enfrentará inexoravelmente um conflito de interesses econômicos. Pois terá que fornecer grandes quantidades de sua moeda para atender à demanda internacional, por meio da compra de produtos e serviços do exterior. E, portanto, registrar grandes déficits comerciais que terão consequências econômicas internas, como a desindustrialização.

“Esse é exatamente o caso dos Estados Unidos”, diz Nogueira. “O dólar é a moeda de

reserva do mundo. E os déficits fiscais americanos foram para as reservas internacionais de todos os países. Por isso eles também não sofreram no passado com problemas de inflação. A massa monetária em circulação era absorvida nos cofres de outros bancos centrais.”

O problema de manter uma divisa de referência do planeta é o custo que isso gera para a população do país emissor. O excepcionalismo do dólar tem um preço. Mas a eleição de Donald Trump mostrou que a maioria do povo americano não está mais disposta a pagar.



A eleição de Trump mostrou que muitos americanos rejeitam os custos de manter o dólar como moeda global, buscando mudanças na política econômica | Foto: Reuters/Kevin Lamarque

## Hipocrisia tarifária

A esmagadora maioria dos economistas e analistas critica duramente a política tarifária de Trump. Na maior parte das vezes, salientam o fato de que “serão os consumidores

americanos que pagarão o maior preço da guerra comercial”.

Em resposta ao aumento de 25% nos impostos alfandegários, o primeiro-ministro do Canadá, Justin Trudeau, disse que Trump “pode ser muito inteligente, mas o que está fazendo é muito burro”. Poucos segundos depois, ele também anunciou uma alta de tarifas contra produtos americanos.

Mesma decisão tomada pela China, que já anunciou elevação de barreiras alfandegárias sobre produtos agrícolas americanos. E ameaças idênticas foram feitas pela União Europeia e pelo Brasil, caso as tarifas contra eles se concretizem.

Mas então, se impostos alfandegários são o mal absoluto, “muito burro”, e prejudicam a população do país que os aplica, por que outros países estão retaliando da mesma forma?

“Esse foi muito mais um movimento político do que econômico”, explica Nogueira. “Até

porque os efeitos negativos para economias menores, como o Canadá ou o México, serão muito mais intensos do que para uma economia gigantesca como a americana. Economias pequenas não conseguem influenciar os preços internacionais, então um aumento das tarifas mexe diretamente com os padrões de consumo. Enquanto, no caso das economias grandes, movimentos como esses provocam uma queda dos preços internacionais. Pois os produtores do mundo inteiro querem exportar para os Estados Unidos e acabam reduzindo os preços, cortando suas margens, para não perder o maior mercado do mundo.”

E é exatamente isso que está começando a acontecer. O Walmart, maior varejista do mundo, pediu para seus fornecedores chineses grandes reduções de preços. Com isso, os fabricantes asiáticos terão que arcar com o custo total das tarifas de Trump.

## A cura e o veneno

Os impostos alfandegários de Trump são uma

resposta simples a um problema complexo. Mas a maior questão é a ausência de alternativas.

Ninguém está apresentando soluções para reequilibrar os fluxos comerciais internacionais para evitar uma nova guerra comercial. Pois quase todos os países do mundo estão ganhando ao manterem uma balança comercial ativa com os Estados Unidos.

Trump, por sua vez, parece estar implementando uma abordagem negocial de “bastão e cenoura” para reorganizar o paradigma internacional. Como demonstram as seguidas aplicações e suspensões de tarifas para favorecer negociações.



Milhares de contêineres no Porto de Long Beach, próximo a Los Angeles, na Califórnia, o maior porto dos EUA | Foto: Shutterstock

Setenta anos de balança comercial negativa dos EUA criaram uma forte dependência de várias economias em relação ao consumidor americano. Por exemplo, se Trump aplicar uma tarifa de 25% sobre os produtos importados do México, o impacto sobre o produto interno bruto (PIB) mexicano será devastador,

podendo se contrair em cerca de 16%, de acordo com a *Bloomberg Economics*. O setor mais afetado será, sem dúvida, a indústria automotiva. Já que o México envia quase 80% dos carros que produz para os Estados Unidos, totalizando cerca de 2,5 milhões de veículos a cada ano. Mesma coisa para o Canadá, em que dois terços das exportações dependem do mercado americano.

"Trump pode até ter razão sobre a ausência de reciprocidade na cobrança de impostos alfandegários e pedir uma revisão geral das tarifas", explica Margarida. "Olhe, por exemplo, quanto cobramos aqui no Brasil sobre o etanol importado — cerca de 18% —, enquanto os EUA cobram apenas 2,5% sobre nosso combustível. O problema é que isso desorganizará a economia mundial, criará outras distorções, reduzirá a eficiência global, aumentará a inflação nos EUA e acabará prejudicando a competitividade deles no longo prazo."

No final, a solução para as tarifas alfandegárias parece ser a mesma que

Paracelso, médico e alquimista suíço do século 16, sugeriu sobre dosagens de remédios: tomados com moderação e para o propósito certo, podem ajudar a curar. Tomados em excesso, eles se tornam um veneno.

# A insanidade democrata

Que tipo de gente coloca a ideologia ou mesmo a política acima da decência humana mais básica?



Donald Trump falou por duas horas ao Congresso americano nesta semana. O primeiro discurso do presidente dos EUA perante ambas as câmaras do Congresso foi amplamente aprovado pelos telespectadores, recebendo considerações positivas de 76% da audiência, segundo revelou uma pesquisa da CBS News/YouGov. De acordo com o levantamento, a maioria dos espectadores descreveu o mandatário americano como um líder que claramente fala como um presidente (74%), “divertido” (74%), “inspirador” (71%), mais “unificador” (62%) do que “divisivo” (46%).



colunadocampellooficial ✅  
usa · Áudio original

Ver perfil



Agente do Serviço

O que mais chamou atenção, porém, foi a postura da oposição democrata. A começar pelo congressista Al Green, com uma bengala na mão, recusando-se a se sentar ou se calar durante a fala, o que levou o porta-voz do Congresso a solicitar sua retirada pela segurança. Os demais democratas carregavam plaquinhas ridículas, como uma acusando Elon Musk de ter “roubado” – talvez ao jogar luz nos esquemas democratas por meio do *deep state*.

Mulheres democratas escolheram o rosa como “protesto”, sendo que dias antes todas tinham votado contra um projeto que proibia homens biológicos nos esportes femininos. Ser de esquerda, hoje, significa ser infantil, incoerente e sem qualquer empatia pelo próximo ou amor sincero pela nação. Isso ficou comprovado durante os momentos menos controversos da fala de Trump, que deveriam unir qualquer ser humano decente.



Donald Trump recebeu alunas durante a solenidade de assinatura da ordem que proíbe trans em esportes femininos | Foto: Reprodução/X

Como resumiu Matt Walsh, que estava presente como convidado no evento, os democratas não foram capazes de aplaudir: um sobrevivente do câncer infantil; o sonho de plantar uma bandeira americana em Marte; promessas de combate ao crime; ajuda a famílias trabalhadoras; captura de terroristas; destruição de cartéis. Talvez o único momento

em que foram capazes de deixar de lado o ódio patológico que sentem por Trump foi para aplaudir o tema da Ucrânia.

Essa postura chamou muita atenção nas redes sociais, e os democratas foram alvo de duras críticas. Trump chegou a repetir que, se ele descobrisse a cura para uma terrível doença, os democratas não seriam capazes de comemorar. O fenômeno da "*Trump derangement syndrome*" ("síndrome de perturbação de Trump") é bem real e qualquer pessoa pode observá-lo por essa reação democrata. Não há absolutamente nada que o presidente possa fazer ou dizer para unir minimamente o país em prol de bandeiras comuns e básicas.

E o novo governo Trump é justamente sobre isto: o retorno à normalidade, a revolução do bom senso, o resgate da verdadeira ciência e do patriotismo que coloca o interesse dos americanos como prioridade. Voltar a constatar que existem apenas dois gêneros e que Deus ama cada criança como ela foi

criada não deveria ser uma fala tão polêmica assim, mas causa espanto como em poucos anos a esquerda conseguiu empurrar as narrativas para extremos insanos.

Quem pode ser contra mais policiamento nas ruas contra criminosos? Quem pode condenar mais patrulha nas fronteiras contra imigrantes ilegais? Que cidadão condena mais transparência nos gastos públicos? Pode alguém reclamar de menos regulamentação e burocracia? Quem acha mesmo que abstrações como “salvar o planeta” devem estar acima da qualidade de vida dos seres humanos? Que tipo de pessoa olha o jogo desigual das tarifas protecionistas e toma o partido da China comunista em vez de defender os trabalhadores americanos?



Silhueta de Donald Trump com a bandeira da China ao fundo | Ilustração: Shutterstock

Em síntese, a esquerda democrata parece odiar a América e o que ela representa, além de não demonstrar qualquer empatia para com o próximo de carne e osso. Nem quando Trump homenageou uma vítima de violência por um imigrante ilegal os democratas se sensibilizaram! Que tipo de gente coloca a ideologia ou mesmo a política acima da

decência humana mais básica?

A derrota acachapante dos democratas foi fruto justamente desse afastamento do bom senso. Preferiram investir tudo numa agenda *woke* maluca e no discurso de que Trump era o novo Hitler, o que não convence ninguém por ser algo patético demais. Descolados da realidade, os oposicionistas faziam cara de paisagem ou de choro enquanto Trump falava aos milhões e milhões de americanos normais.

Trump falava sério para o povo, mas estava se divertindo feito uma criança num *arcade*, humilhando os democratas, que ajudam muito na tarefa. Ele está tendo o momento de sua vida, saboreando cada minuto ao expor as loucuras esquerdistas. Tentaram destruí-lo de todas as formas, mas como foi o resultado? Agora parece que vão dobrar a aposta, requerer a ladainha do Trump “malvado” e “fascista”, enquanto uma equipe preparada e

leal segue num ritmo frenético de mudanças para recuperar a grandeza da América. Serão quatro anos muito interessantes...



Donald Trump, presidente dos Estados Unidos |  
Foto: Shutterstock

# Eles ainda estão aí

A estrutura mental de *Ainda Estou Aqui* é uma fotografia em alta resolução do grande projeto político, partidário e ético da esquerda brasileira de hoje: o 'sem anistia'



Os jornalistas, os influenciadores e as classes que não produzem, ou raramente produzem alguma coisa útil, criaram para si próprios um episódio de derrota, angústia e desapontamento perfeitamente desnecessário. O Brasil nunca precisou “ganhar um Oscar” para melhorar em alguma coisa – mesmo porque, quando um brasileiro ganha um prêmio ou uma distinção qualquer, o mérito é dele, e não do “país”. Não se conhece, também, nenhum cidadão que já tenha ganhado um tostão furado torcendo pela medalha do seu próximo. Mas o Brasil de hoje, por razões de natureza não explicada, mergulhou num dos ataques de nervos mais histéricos já produzidos pelo complexo de inferioridade que há séculos assombra nossas elites. Sua exigência básica: “O Brasil tem de ser respeitado no exterior”. Excitada por essa ânsia, a mídia decidiu que um filme brasileiro tinha de ganhar o Oscar de 2025.

Chegado o dia da premiação, o filme nacional não ganhou nada de sério – o contrário, exatamente, do que os comunicadores vinham

garantindo ao público há três meses seguidos. A atriz brasileira que deveria ganhar o prêmio de Melhor Atriz perdeu. O filme brasileiro que deveria ganhar o prêmio de Melhor Filme perdeu. Sobrou, unicamente, um prêmio de consolação como Melhor Filme Estrangeiro, algo que fica ali entre a melhor maquiagem e a melhor engenharia de som – e dos quais nunca mais ninguém vai ouvir falar de novo. Alguém lembra do Oscar para o Melhor Filme Internacional do ano passado? Pois é. Sendo esses os fatos, a pergunta que se coloca é: “E daí?” Em condições normais de temperatura e pressão, perder o Oscar, ou o Prêmio Nobel, não quer dizer rigorosamente nada. A atriz não tem culpa nenhuma por não ter sido premiada como melhor atriz. O diretor não tem culpa nenhuma por não ter sido premiado como autor do melhor filme.

Da mesma forma, ninguém estava exigindo que uma e o outro ganhassem os prêmios. Ninguém estava preocupado com o Oscar. Ninguém, em suma, cobrava, exigia

ou esperava nada — salvo os jornalistas, que se lançaram, sem que ninguém lhes tivesse pedido alguma coisa, no esforço de transformar uma simples possibilidade de prêmio num dever do cinema mundial perante o Brasil. A certa altura, passaram a acreditar, eles próprios, que pelo menos a atriz já tinha ganhado. Resultado: os intelectuais e o seu mundo perderam uma partida que não precisavam disputar e, no final, ficaram arrasados com a premiação. Para que isso tudo? Nenhum país desenvolvido do mundo fica nesse desespero de “ganhar o Oscar” — no Brasil, porém, os comunicadores fabricaram toda uma causa nacional em torno do assunto. Estão tendo, agora, de curtir a ressaca.



Fernanda Torres comemora a vitória do diretor Walter Salles na categoria de Melhor Longa-Metragem Internacional por

*Ainda Estou Aqui*

, do Brasil, durante a cerimônia da 97<sup>a</sup> edição do Oscar, em Hollywood, Los Angeles, Califórnia, EUA (2/3/2025) | Foto: Carlos Barria/Reuters

Não se trata de avaliar os méritos relativos do filme, mesmo porque isso aqui não é uma crítica de cinema — e ainda bem que não é, por faltar ao autor o mínimo de competência. ou

de interesse, para avaliar a qualidade de filmes. Há pelo menos uns 500 outros que são no fundo a mesma coisa, entre os que ocasionalmente são citados na literatura de cinema — a história do perseguido por uma ditadura de direita que é preso pela polícia ou pelo Exército, mesmo sem saber o que fez, e ninguém nunca mais vê, porque é assassinado no cárcere ou desaparece sem motivo conhecido. Costa-Gravas, para ficar só num dos especialistas mais elogiados do ramo, encheu as telas do mundo inteiro com filmes assim durante mais de 30 anos. O que vem ao caso, no regime em vigor no Brasil atual, é a malversação da ideia geral de cultura para fazer propaganda política. Dizem que é arte. É militância lucrativa.

Tanto faz, na verdade, se o filme é bom, ruim ou nem uma coisa nem outra. Para os cérebros que se apresentam como o creme intelectual do Brasil, e cuja característica principal é a ausência de creme, ou mesmo de intelecto, *Ainda Estou Aqui* é a maior realização do espírito humano desde a *Pietà* de

Michelangelo. Não é – mas mesmo que fosse apenas o Borba Gato da Avenida Santo Amaro, a mídia, a esquerda e as milícias artísticas vão à guerra para dizer que é. Todo mundo, é claro, tem o pleno direito de falar o que bem entender sobre um filme de cinema. Acha que é uma obra-prima? Então ache, à vontade. O problema começa, e não vai mais embora, quando o Comitê Central da cultura brasileira estabelece, como um decreto, uma verdade histórica que não é verdade histórica – e impõe ao público, embalado como se fosse arte, um sermão de política partidária.

No filme em questão o militante político de extrema esquerda aparece como um arcanjo familiar, e a direita como o retrato de tudo que há de mais abjeto no mundo. É monótono, repetitivo e falso. O ex-deputado Rubens Paiva foi efetivamente preso, em janeiro de 1971, pelas polícias ocultas da ditadura militar e nunca mais foi visto – com ou sem vida. É igualmente indiscutível que, ao ser preso e desaparecer, não estava combatendo pela restauração da democracia no Brasil. Militava,

ao contrário, para derrubar os militares do governo e impor no lugar deles a ditadura da sua própria facção – como pregavam, em manifestos escritos, os movimentos terroristas da época, descritos como a “luta armada”. Mais: os organizadores do filme, na sua estratégia de lançamento e de Oscar, sustentam que a tragédia de Paiva tem relação direta com a situação política do Brasil de 2025.

O diretor do filme declarou em público, por exemplo, que o seu trabalho não poderia ter sido feito durante os quatro anos do governo de Jair Bolsonaro; só agora, com Lula na Presidência, foi possível. Por quê? Qual foi a restrição objetiva que a filmagem teve de enfrentar no governo anterior? Falta de Lei Rouanet? Mas se o filme é uma obra de arte, como dizem que é, por que seria necessário receber dinheiro do Tesouro Nacional para ser feito? A atriz principal foi na mesma linha. A certa altura da campanha do Oscar, ela chegou a dizer que “milhares de quilômetros” quadrados da Amazônia foram incendiados

"intencionalmente" por Bolsonaro – e outras coisas do mesmo nível. Ambos, diretor e atriz, fizeram questão de exibir em público seu apoio integral ao presidente da República. Foi um dos maiores esforços já feitos na área artística para politizar uma criação do cinema.



A mídia, a universidade e o mundo cultural, por sua vez, fizeram tudo o que podiam para "articular" uma criação da política. Há três meses não se fala em outra coisa a não ser

nas chances cada vez “maiores” de Fernanda Torres, a estrela do filme, ganhar o Oscar de Melhor Atriz – o que, diante dos resultados finais, poderia incorrer nos crimes de *fake news*, ou pelo menos “desinformação”, que tiram o sono do ministro Alexandre de Moraes. Falou-se o diabo de uma atriz concorrente transexual, acusada pela imprensa de “racismo” – para se ver como a coisa anda confusa hoje em dia. Fernanda, especialmente, foi transformada pelos comunicadores numa espécie de Joana d’Arc do cinema nacional. Lançaram manifestos sobre a centralidade do seu sorriso, ou a extrojeção psicológico-sensorial de seu gesto de cruzar as pernas durante uma entrevista na tevê. Entrevistaram o seu joalheiro. Debateram o vestido que usaria na cerimônia do prêmio.

A imprensa nos informou sobre a maquiagem de Fernanda, o discurso que ela não tinha escrito para o caso de ganhar e os seus estados de espírito em tempo real. Praticamente não houve uma única edição de alguma coisa, nesta reta final, sem a sua

presença nas manchetes. Chegaram até a mandar “enviados especiais” para Los Angeles, mesmo que ficassem do lado de fora e vissem o espetáculo pela televisão; poderiam ter ido para a Praia Grande que daria no mesmo. Um influenciador extremo, num momento de descontrole, chegou a afirmar que Fernanda poderia levar “o Brasil” ao “sonho” de ganhar um Oscar. Os organizadores e os participantes do filme, possivelmente, não obrigaram ninguém a se lançar nessa puxação de saco desesperada. Os jornalistas se comportaram assim porque quiseram, gostaram e não percebem mais que há diferenças entre notícia e composição infantil sobre os próprios desejos.

O mais curioso dessa história, que já caminha para o arquivo morto das lembranças inúteis, é que a estrutura mental de *Ainda Estou Aqui*, em bloco, é uma fotografia em alta resolução do grande projeto político, partidário e ético da esquerda brasileira de hoje: o “sem anistia”. Não ocorre a ninguém na equipe do ex-candidato ao Oscar que Rubens Paiva foi

destruído por suspeitas de ligação com o bando terrorista do capitão Carlos Lamarca, assaltante e assassino – e que centenas de brasileiros que nunca tiveram sequer uma multa de trânsito em suas vidas estão nos cárceres do STF e do ministro Moraes. Eles ainda estão todos aí.

# Clezão é Rubens Paiva

Aplaudimos o filme que retrata um drama de 54 anos atrás, denunciamos um cisco no olho do passado, e fingimos não perceber uma trave diante dos nossos olhos



Fernanda Torres, numa entrevista, deixou umas frases que me fizeram despertar para uma inevitável destinação do filme premiado. "O filme é uma reflexão sobre o que é viver num regime autoritário, onde qualquer um pode ser preso. O que significa viver num país que suspende os direitos civis." Bingo! *Ainda Estou Aqui* – o título, perceberam, é sobre hoje, agora, usando um estereótipo de 54 anos atrás, sem ofender Moraes, que poderia bloquear a exibição do filme, a pretexto de atentar contra o Estado Democrático de Direito, se fosse um libelo direto, escrachado, à situação de hoje, focando a família do Clezão ou os dois filhinhos da Débora do batom.



Walter Salles e Fernanda Torres se encontram no tapete vermelho, na 97<sup>a</sup> edição do Oscar, em Hollywood, Los Angeles, Califórnia, EUA (2/3/2025) | Foto:Reuters/Aude Guerrucci

Meu netinho de 4 anos veio visitar-me neste Carnaval, e a primeira pergunta que fez foi se Brasília tem Estátua da Liberdade. Respondi que sim; que iria lhe mostrar, na Praça dos Três Poderes. Pensei na estátua de Têmis, a deusa

da Justiça, diante do Supremo. Mas depois desisti. Lembrei de Débora, a cabeleireira, há dois anos presa, a despeito de ter dois filhos menores, por escrever com batom lavável “perdeu, mané” na base da estátua. Poderia essa Justiça representar também a Liberdade? Também veio à memória o Clezão, que não teve a quem recorrer e foi chamado pelo Altíssimo, e tanta outra gente que não destruiu, não quebrou, não rasgou, não sujou, e foi condenada embora tenha apenas se manifestado, como garante a Constituição. Resolvi não mostrar a estátua a meu neto, para não causar confusão na cabeça dele. Mais alguns anos e ele poderá conhecer o registro histórico do que aconteceu no Brasil nesses tempos tão estranhos em que direitos e garantias fundamentais são suspensos dependendo do lado ideológico do atingido.

Enquanto isso, saúdo, como todos os brasileiros, a primeira vitória do cinema nacional no Oscar, com o prêmio de Melhor Filme Estrangeiro para *Ainda Estou Aqui*, que retrata um episódio desencadeado em janeiro

de 1971 de arbítrio, perseguição, autoritarismo. Exato meio século depois, o mecanismo de arbítrio, autoritarismo, perseguição voltou e ainda está aqui. O filme aumenta a indignação da cidadania, percebendo que o acontecido no passado não serviu para evitar a repetição de erros históricos. Os constituintes de 1988 cuidaram de blindar, pela Constituição, os direitos e garantias fundamentais, como livre manifestação do pensamento, direito de ir e vir, liberdade de reunião, vedação à censura, amplo direito de defesa, juiz natural, banimento de tribunal de exceção – enfim, para que nunca mais o brasileiro fosse submetido a perseguições sem que ficasse claro o crime que tinha cometido.

Vivemos de novo aqueles tempos do filme e, se olharmos para a estátua de Têmis, certamente indagaremos sobre a isenção do fiel da balança entre acusação e defesa. Uma Têmis que é deusa de um verdadeiro tribunal de Justiça, não de um

tribunal político, como querem alguns de seus integrantes. Um deles chegou a expressar que o atual presidente da República deve muito ao tribunal. Tempos estranhos. Aplaudimos o filme que retrata um drama de 54 anos atrás, denunciamos um cisco no olho do passado, e fingimos não perceber uma trave diante dos nossos olhos. O Rubens Paiva de hoje é o Clezão.



Estátua  
A Justiça

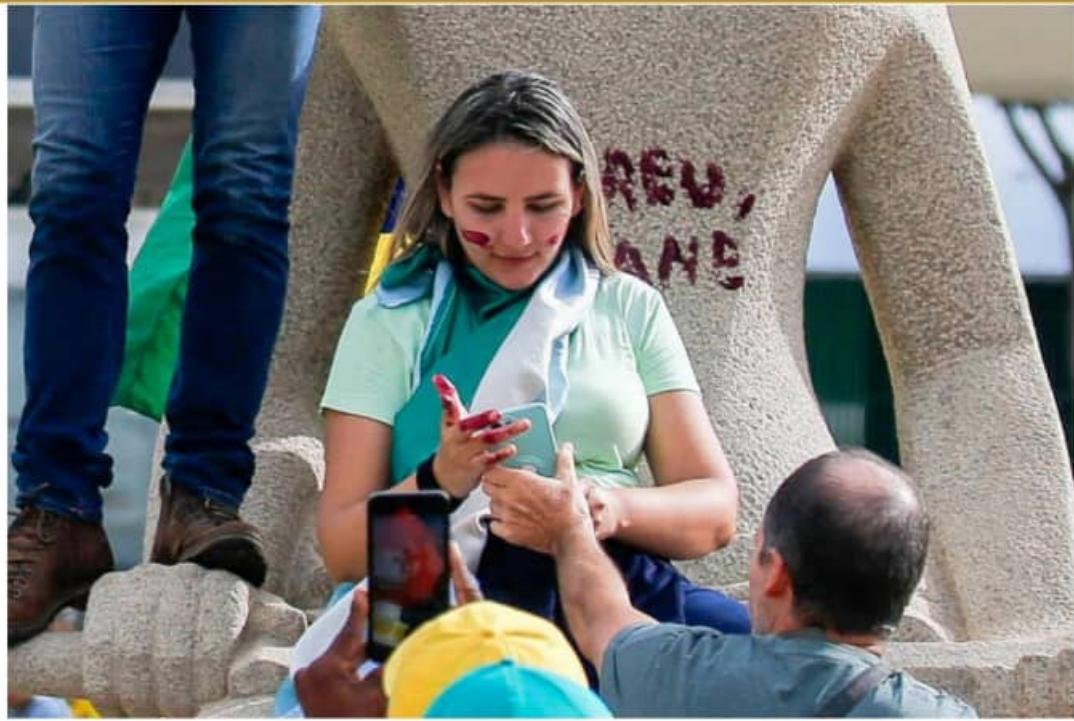
, de Alfredo Ceschiatti, em frente à sede do Supremo Tribunal Federal | Foto: Wikimedia Commons

Com o mesmo orgulho dos brasileiros, o presidente Lula aplaudiu o filme e não aproveitou a oportunidade para lamentar as semelhanças com o presente. Afinal, ele jurou defender a Constituição. Entende-se: ele está com sérios problemas de desaprovação crescente, por causa da alta dos preços e dos juros, provocada pelo desequilíbrio das contas públicas. Mas entra num círculo vicioso: em vez de cortar gastos, faz despesas populistas, como aumento do Auxílio Gás; compra de aprovação na escola, chamada de Pé-de-Meia; ampliação de meio circulante, com crédito consignado que estimula o endividamento; entre outras. Crente de que tudo se resolve com política, chamou a deputada presidente de seu partido para compor sua linha de frente, agora formada por Janja, Gleisi, Sidônio, Rui

Costa e Lula. Como se não bastasse, ainda busca como reforço Guilherme Boulos, do Psol, supostamente para que a esquerda não abandone o Titanic, que já foi rasgado pelo *iceberg*. E tenta, com os dedos, tapar os furos na represa dos votos do centrão, depois que Gilberto Kassab e Paulinho da Força já disseram que o navio afunda. Não fala com os velhos amigos, como lembrou Kakay, e se aconselha com Janja. Lula insiste em dizer que primeiro semeou, e agora vai colher. Ainda não conseguiu colher o Fome Zero semeado no primeiro semestre do primeiro mandato. José Dirceu já deve estar antevendo o naufrágio.

Por coincidência, um jovem publicitário que brandia a Constituição para os policiais, na manifestação do 8 de janeiro, e que tem o mesmo nome do autor do livro que deu origem ao filme, o Marcelo da Constituição, vai ser preso para cumprir pena. Ele voltou para casa, em São Lourenço (MG), no dia seguinte e decidiu devolver a Constituição. A polícia local recomendou que devolvesse à Polícia Federal

em Varginha e ele fez isso. Foi preso dois dias depois. Saiu com tornozeleira e foi condenado a 17 anos. Recorreu — mas recorrer ao mesmo tribunal? — e espera ser preso a qualquer momento. A arma para o golpe de Estado motivo da condenação foi a Constituição, assim como a de Débora foi o batom. Na verdade, a Constituição é a arma que nos garante democracia — e, com ela, liberdade de expressão, para que os tempos de Rubens Paiva ainda não estejam aqui.



Débora Rodrigues dos Santos, durante o ato de 8 de janeiro de 2023, em Brasília | Foto: Reprodução

# Oráculo de Hollywood

Em homenagem ao Oscar, oferecemos um cardápio filosófico para quando você enjoar da frase imortal 'A vida presta'



Na impressionante campanha do filme *Ainda Estou Aqui*, com façanhas do outro mundo como transformar Lula em símbolo da democracia e da liberdade, Walter Salles Jr., Fernanda Torres e Cia. viraram os novos Midas da mídia. Tudo que tocam vira ouro.

O exemplo mais eloquente desses poderes mágicos é a frase “A vida presta”, que por ter saído da boca diferenciada da Nanda virou filosofia profunda, poesia libertadora, bloco carnavalesco, tese acadêmica, postulado existencial e não duvide se virar livro e mais um *blockbuster* num cinema perto de você.

Em homenagem ao Oscar conquistado com tanto suor e brilhantismo, oferecemos aqui um cardápio filosófico para quando você enjoar da frase imortal “A vida presta”:

- A vida é viva
- Viver é estar vivo
- Ser vivo presta (menos os imprestáveis)
- Viver é existir

- Existir é viver
- Existir vale a pena
- Não existir também pode valer (vai saber)
- Viver é não morrer
- Ser humano é não ser desumano
- A humanidade é uma unanimidade
- Toda humanidade é burra (ops... não faz camiseta com esta, não)
- O homem é o *lobby* do homem
- A águia é o *lobby* da mulher
- O *lobby* é o homem da loba
- A loba é a águia do *lobby*
- O *lobby* presta
- O lobo não presta
- O lobo é o bolo do homem
- O bolo é o lobo da mulher

- O boulos é o loubos do lules
- Ouvirem do Ipirangue às margens plácides
- O povo é do polvo
- O povo presta (serviços pra mim)
- O polvo também presta (serviços pra mim)
- O dólar presta
- A libra presta
- A hidra infesta
- A vidra fresta
- O Prost frustra
- O Proust prostra
- O Pluto rosna
- Plutão enrosca
- Platão entorta
- Filosofia importa
- Poesia presta

- O céu presta
- O mar presta
- O luar presta
- O Luiz Carlos Presta
- O presto barba
- A soberba presta
- A cara de pau presta
- A picaretagem presta (o prêmio é seu, querido!)
- O creme condensa
- O crime compensa
- O tempo não para (ou não passa, dependendo de onde você esteja)
- O amor é lindo
- Lindo é o amor
- Eu presto
- Você não presta

- O crime compensa
- O tempo não para (ou não passa, dependendo de onde você esteja)
- O amor é lindo
- Lindo é o amor
- Eu presto
- Você não presta
- E fim de papo.

# O baixo-astral da velha imprensa

Analistas políticos da imprensa aliada têm dado piruetas retóricas para tentar defender o governo Lula



No ofício do jornalismo, tem hora que não dá para disfarçar: fatos são fatos. Talvez seja esse, hoje, o grande problema da velha imprensa, bem abastecida de verbas estatais e empenhada como nunca se viu nas últimas décadas em defender um governo ruim. O resultado pôde ser visto nas últimas semanas num indisfarçável baixo-astral nas redações.

Nem os editoriais dos principais jornais do país ou os comentaristas das emissoras de televisão mais alinhadas com a agenda da esquerda conseguiram minimizar o desastre que foi a escolha de Gleisi Hoffmann para comandar a articulação política do governo. A pergunta parece óbvia: com popularidade em queda livre, sem dinheiro em caixa nem interlocução com o Congresso, por que Lula resolveu levar uma deputada radical para dentro do Palácio do Planalto? Ela vai conduzir reuniões em busca de acordos para aprovar projetos na Câmara, com o centrão e as bancadas de direita?

Gleisi presidiu o PT nos anos mais difíceis da

sigla. Lula passou 580 dias preso em Curitiba. Com exceção da vitória na corrida presidencial em 2022, depois da reabilitação política de Lula pelo Supremo Tribunal Federal (STF), a legenda foi estraçalhada nas urnas nas últimas eleições. O PT tem 252 prefeitos, somente um em capital – Evandro Leitão, em Fortaleza. Os parlamentares do PT afirmam que a nomeação no ministério é um prêmio para Gleisi, mas a saída antecipada da presidência da sigla é um sinal de que Lula quer tentar salvar o próprio partido. A volta do protagonismo de José Dirceu, com a ficha quase limpa pelo Judiciário, é uma realidade – ele pretende concorrer à Câmara no ano que vem.



Gleisi Hoffmann e Lula | Foto: Alessandro Dantas/PT

Sobre Gleisi, o jornal *Folha de S.Paulo* escreveu: “É duvidoso se Gleisi terá sucesso na transição do posto de general para diplomata. De certo é que, ao nomeá-la, o presidente da República dá sinais inquietantes”. O título do editorial do *Estadão* foi ao ponto: “Vem aí a ministra da discordia”. O texto diz: “Ao trazer Gleisi Hoffmann para o

governo, Lula mostra que está disposto a ir para o tudo ou nada pela reeleição, ainda que isso prejudique a governabilidade e implique riscos para o país”.

Por causa do feriado de Carnaval, os plenários da Câmara e do Senado seguem vazios. O ano não começou ainda em Brasília — nem o Orçamento foi aprovado. Mas, antes que a classe política assimilasse a nomeação da presidente do PT para a coordenação política, os jornais trouxeram outra notícia que ninguém entendeu: mais um radical, Guilherme Boulos, deputado do Psol, que fez carreira na política como líder dos sem-teto, também pode ser ministro. O cargo — a confirmar — é a Secretaria-Geral da Presidência, que na prática significa a antessala de Lula. Trata-se de uma função inexpressiva, não à toa o nome do atual ministro escapa até da memória dos comentaristas políticos: Márcio Macêdo. Nos governos anteriores do PT, a cadeira foi ocupada por Gilberto Carvalho. A função é receber representantes do MST, de ONGs, entidades LGBT, indígenas etc., que

invariavelmente vão a Brasília para pedir dinheiro.

GOVERNO LULA

## Lula à espera do inverno russo

Presidente não sai do arroz com feijão para enfrentar crise de popularidade; parece apostar em fenômeno natural que o salvará mais uma vez

Notícia publicada na  
*Folha de S.Paulo*

(3/3/2025) | Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo

EDITORIAL

O QUE A FOLHA PENSA

## Ao levar Gleisi para o governo, Lula dá sinais preocupantes

Nova ministra das Relações Institucionais já teve atritos com políticos proeminentes e é crítica ao controle de gastos

Notícia publicada na  
*Folha de S.Paulo*  
(3/3/2025) | Foto: Reprodução/Folha de S.Paulo

## Vem aí a ministra da discórdia

Ao trazer Gleisi Hoffmann para o governo, Lula mostra que está disposto a ir para o tudo ou nada pela reeleição, ainda que isso prejudique a governabilidade e implique riscos para o País

Notícia publicada no  
*Estadão*  
(1/3/2025) | Foto: Reprodução/Estadão

A bancada do Psol também está em meio a uma confusão, segundo o portal UOL. A reportagem, publicada na quarta-feira, 5, diz que a sigla está rachada. Embora tenha nascido de uma costela do PT, quando alguns parlamentares se decepcionaram com a votação da reforma da Previdência no primeiro governo

Lula, o Psol questiona o apoio incondicional ao governo. Diz o texto: "Os deputados se referem aos colegas de bancada por xingamentos. Em entrevistas ao UOL, usaram termos como 'mentiroso', 'imaturo' e 'palhaço'". A bancada tem 13 integrantes e está dividida. São duas alas: uma é a favor de Boulos embarcar no governo e servir de linha auxiliar do PT; a outra é extremamente ideológica, com características de diretório acadêmico.

Além do governo capenga, a velha mídia tem enfrentado dificuldades para proteger a outra ponta do consórcio de poder: o Supremo Tribunal Federal (STF), especialmente a figura do ministro Alexandre de Moraes. Na semana passada, a comentarista da GloboNews Daniela Lima recebeu uma checagem pública no X porque publicou uma informação errada – a favor de Moraes, como sempre. Ela disse que as *big techs* que operam no Brasil são

obrigadas a manter escritórios no país por força de lei. Na véspera, Moraes havia imposto sanção ao Rumble por não ter um representante legal em território brasileiro. Foi o mesmo que ocorreu com o X, de Elon Musk, no ano passado.



Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal | Foto: Antonio Augusto/STF

A jornalista disse a seguinte frase: "Você

precisa ter um escritório no Brasil para poder receber uma procuração, para receber uma queixa, sejam elas da Justiça ou de um usuário. O Rumble não tem, e quer operar cá no país assim. Para o X voltar a funcionar, Musk também teve que se render à Justiça. Não é a vontade de um ministro, é a vontade da lei. Está no Marco Civil da Internet".

O que a jornalista disse não está escrito em lei nenhuma em vigor – pelo contrário, estava no Projeto de Lei nº 2.630, encampado por Alexandre de Moraes, mas que o Congresso decidiu não votar em 2023. No mesmo comentário, ela também distorceu uma decisão da juíza Mary Scriven, dando a entender que se tratava de uma decisão a favor de Alexandre de Moraes, ou seja, contra os advogados do Rumble e das empresas de Donald Trump.

Elon Musk sugere sanções econômicas a Alexandre de Moraes. Integrante do governo Trump, comentário do empresário ocorreu

no caso Rumble.

► Assista ao #ConexãoGloboNews:  
<https://t.co/bFwcwLpLU9>  
#GloboNews  
<pic.twitter.com/6onNpnumOR>

– GloboNews (@GloboNews) February 25, 2025

O episódio da GloboNews foi o mais gritante, mas não é um caso isolado. Os analistas políticos têm dado piruetas retóricas para tentar defender a condução econômica do governo Lula. Manchetes como “o preço subiu, mas entenda como isso pode ser bom” já não colam mais. Os editoriais dos principais jornais dão sinais de cansaço com a cartilha empoeirada de Lula e seus discípulos do PT, que parecem estacionados no começo dos anos 2000, quando chegaram ao poder. Basta olhar os derrotados nas urnas em seguidas eleições que cercam o presidente: Alexandre Padilha, Fernando Haddad, Aloizio Mercadante, Guilherme Boulos.

Para piorar, Lula contratou um marqueteiro para trabalhar no Palácio do Planalto que não acertou uma estratégia até agora — a começar por deixar ele falar em cadeia nacional a cada 15 dias. No Congresso, sua defesa é feita por deputados que também envelheceram mal: Lindbergh Farias (RJ) teve a ideia de vasculhar o passado da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro e de aliados do ex-presidente. Mas tanto ele como Gleisi Hoffmann e o líder do governo, José Guimarães, têm problemas no retrovisor. Todos tinham apelidos na lista de propinas da Odebrecht descoberta pela Lava Jato. Guimarães, aliás, já frequentava manchetes policiais anteriormente, porque um de seus assessores foi preso com dólares escondidos na cueca, no Aeroporto de Congonhas, em pleno escândalo do Mensalão.

O que resta para os jornalistas da imprensa antiga preencherem a pauta e desviar de temas espinhosos? Falar do filme *Ainda Estou Aqui*, que ganhou uma categoria minúscula no Oscar ([leia artigo de J.R. Guzzo nesta edição](#)). Mas também aí eles caíram numa armadilha,

porque o longa de Walter Salles, Fernanda Torres e companhia trata do regime militar, que terminou com a Anistia de 1979, “ampla, geral e irrestrita”, assinada pelo presidente João Baptista Figueiredo. O PT foi criado no ano seguinte, em 1980, por uma legião de anistiados. O Brasil tem hoje centenas de presos políticos à espera de anistia, e quem não quer é justamente o consórcio PT-STF.

O esforço é grande. Mas defender Lula e o STF se tornou uma tarefa praticamente indefensável.

# Moraes: 'patético e medíocre'

Moraes, o próprio Estado a punir até os mais humildes dissidentes, insurge-se demasiada e desproporcionalmente contra homens muito mais fracos



Do céu, calhou de cair o cuspe covarde na corajosa careca. O fato aconteceu na última quinta-feira do mês de fevereiro do ano da desgraça de 2025 quando, debaixo do Cristo na cruz, reuniam-se os 12 – contando com o procurador-geral da República e apesar da presença virtual do ministro Alexandre de Moraes (tão remoto do seu lugar à mesa quanto Judas Iscariotes ao sair mais cedo da ceia Naquele Tempo) – para, celebrando a nova aliança que rompera com os mandamentos da velha lei brasileira, defenderem-se a si mesmos em vez de julgarem defesas alheias.



Sessão plenária do STF, em Brasília, DF  
(27/2/2025) | Foto: Rosinei Coutinho/STF

On-line, Moraes estava na mesma nuvem onde o jazido cuspe perdera-se faz quase ano e meio; parado ali desde o dia 14 de setembro de 2023, isto é, desde o momento em que foi lançado às alturas pelo próprio Moraes junto da humilhante reprimenda que dirigira a um advogado:

**"É patético e medíocre que um advogado suba à Tribuna do STF com um discurso de ódio com um discurso para postar depois nas redes sociais, porque veio aqui para agredir o STF, talvez pretendendo ser vereador no ano que vem. [...]. Hoje, [os estudantes de Direito presentes na sessão] tiveram uma aula do que o advogado constituído não deve fazer pra prejudicar o seu constituinte. Ou seja, esquecer o processo e querer fazer uma média com os 'patriotas'. Realmente, é muito triste. E só não seria mais triste – ou é mais triste –, porque, ainda, confundiu O Príncipe, de Maquiavel, com O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, que são obras que não têm absolutamente nada a ver. Mas, obviamente, quem não leu nem uma nem outra vai no Google e, às vezes, dá algum problema."**



14.set.2023

## Advogado de réu do 8 de Janeiro confunde “O Príncipe” com “O Pequeno Príncipe”



YouTube



Em que pesem as violações legais na descortesia do magistrado, bem como o estranhamento acerca da “aula do que o advogado constituído não deve fazer para prejudicar o seu constituinte” (isto é, o fato de Moraes ter querido ensinar ao advogado *como prejudicar o seu cliente* a partir do que ele “não deve fazer”), e, por fim, a despeito da sua orgulhosa e imperiosamente sacrossanta ignorância em francês – pronuncia-se /antoan/ para *Antoine* ou, para lusófonos como

Aldo Rebelo, /antoíne/, pronúncia muito distante de seu junino /antoniê/ —, o cuspe em análise representa os predicados “patético e medíocre”.

Se, para o *Peritus Peritorum* tupiniquim, “é patético e medíocre” todo profissional do Direito que menciona, via Google e sem que as tenha lido diretamente, obras literárias, ou Moraes carece de razão e está equivocado nessa sentença ou, caso esteja completamente certo, ele é, segundo ele mesmo, “patético e medíocre”. Eis o próprio cuspe a colidir com a sua testa sem fronteiras no último dia 27 de fevereiro:

*“Deixamos de ser colônia em 7 de setembro de 1822. E, com coragem, estamos construindo uma República independente e cada vez melhor. Uma República independente e democrática com a Constituição de 1988. E construindo com coragem, pois, como sempre lembrado pela nossa eminentíssima ministra Cármem Lúcia, citando Guimarães Rosa, ‘o que a vida quer da gente é coragem’.”*



27/2/2025

AD)

# Sessão Plenária



Foram as palavras da sua danação. Ao se esquecer do processo que julgava para fazer uma média com os colegas ministros e vituperar-se em elogios de boca própria, o que já seria muito triste, Moraes confundiu não apenas paráfrase com citação, mas também trocou eu lírico por autor e recorreu a um trecho de *Grande Sertão: Veredas* para fundamentar um posicionamento pessoal diametralmente contrário ao sentido da obra de Guimarães Rosa. Obviamente, na esteira do

que dissera em 14 de setembro de 2023, ele nunca leu o livro, foi ao Google e, agora, lascou-se.

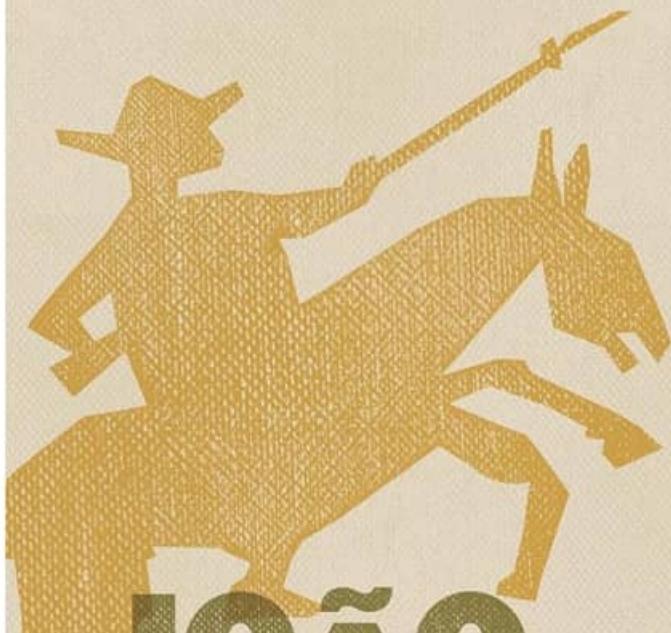
Cumpre destacar que Moraes é, conforme sua própria afirmação, muito, mas muito, muito mais “patético e medíocre” que o advogado repreendido, pois, se o advogado tão somente confundisse, uma única vez, com os títulos semelhantes de duas obras mundialmente famosas, Moraes, por seu turno, sequer confunde: ele erra; erra feio.

Em primeiro lugar, tomando como base as 604 páginas do único romance de Guimarães Rosa na 19<sup>a</sup> edição de *Grande Sertão: Veredas*, reimpresso pela editora Nova Fronteira em 2001, não se encontra, *ipsis litteris*, em lugar nenhum do texto, a frase “o que a vida quer da gente é coragem”. A citação de Moraes é *fake news*, é pura e daninha desinformação, pois uma citação consiste na reprodução literal e

fiel das palavras do autor mencionado. Logo, não poderia estar “citando”.



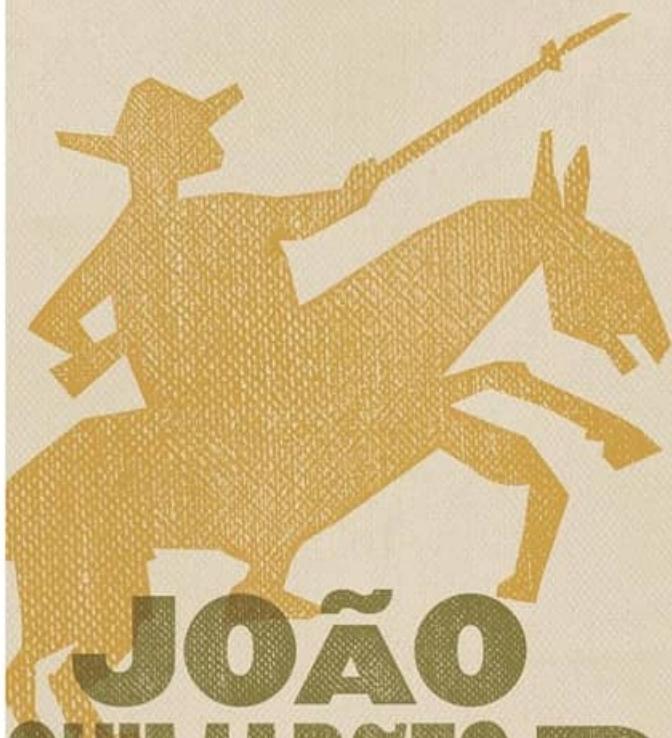
COLEÇÃO  
GUIMARÃES  
ROSA



# JOÃO GUIMARÃES ROSA

## GRANDE CERTÃO-VEDERAS

COLEÇÃO  
GUIMARÃES  
ROSA



JOÃO  
GUIMARÃES ROSA  
GRANDE  
SERTÃO: VEREDAS



Capa do livro  
*Grande Sertão: Veredas*  
, de João Guimarães Rosa, publicado pela editora  
Nova Fronteira | Foto: Divulgação

Segundo erro, mesmo que citação houvesse, é inadmissível que um professor tão titulado não saiba distinguir o *eu lírico*, personagem fictício que narra o romance em primeira pessoa, do *autor* da obra literária, que pode em nada comungar das suas convicções. Ora, a falsa citação de Moraes que ele falsamente atribui a Guimarães Rosa (autor) se insere no seguinte trecho da narrativa do ex-jagunço Riobaldo (personagem *eu lírico*) à página 334 da mencionada edição:

*"A virtude que tivessem de ter, deu de se recolher de novo em mim, a modo que o truso dum gado mal saído, que em sustos se revolta para o curral, e na estreitez da porteira embola e rela. Sentimento que não espairo; pois eu mesmo nem acerto com o mote disso – o que queria e o que não queria, estória sem final. O*

*correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”*

Nesse sentido, teria feito o ministro uma paráfrase em vez de uma citação? Não. Moraes nem sequer poderia estar “parafraseando”, já que a paráfrase implica não apenas a reescrita, sem copiar a linguagem exata do autor, de um conteúdo com palavras próprias, mas também a preservação do sentido original, uma vez que deve demonstrar a compreensão da essência da obra.



Guimarães Rosa durante suas viagens pelo sertão, em 1952 | Foto: Wikimedia Commons

O terceiro erro de Moraes, portanto, está no desconhecimento, incompreensão ou desvirtuamento do real sentido da palavra “coragem” no contexto literário dentro do qual ela é inserida. O real sentido exsurge na mesma página 334, quando Riobaldo revela compartilhar convicções com Zé Bebelo: “Com todos, quase todos, eu bem combinava, não

tive questões. Gente certa. E no entre esses, que eram, o senhor me ouça bem: Zé Bebelo, nosso chefe, indo à frente".

Tudo o que se pode saber sobre Zé Bebelo encontra-se resumido nas páginas 294 e 295 do romance nas palavras do próprio personagem:

*"Vou depor. Vim para o Norte, pois vim, com guerra e gastos, à frente de meus homens, minha guerra... Sou crescido valente, contra homens valentes quis dar o combate. [...] Briguei muito mediano, não obrei injustiça nem ruindades nenhumas; nunca disso me reprovam. Desfaço de covardes e de biltragem! Tenho nada ou pouco com o Governo, não nasci gostando de soldados... Coisa que eu queria era proclamar outro governo [...]. Não obedeço ordens de chefes políticos. [...] ... Agora perdi. Estou preso. [...]. Julgamento – isto, é o que a gente tem de sempre pedir! Para que? Para não se ter medo! É o que comigo é. Careci deste julgamento, só por verem que não tenho medo... Se a condena for às ásperas, com a minha coragem me amparo. Agora, se eu receber*

*sentença salva, com minha coragem vos  
agradeço. Perdão, pedir, não peço: que eu acho  
que quem pede, para escapar com vida, merece  
é meia-vida e dobro de morte.”*

Trocando em miúdos, a ideia de “coragem” – deturpada como a Constituição de 1988 na falsa e insidiosa citação de Moraes –, em *Grande Sertão*, está na confissão de fé daquele que se insurgue contra homens fortes e nunca contra mais fracos (covardia), que briga de igual para igual e sem trapaças, que não gosta do governo e das autoridades que somente tiram do povo e, por isso, as desobedece mesmo estando em desvantagem. Coragem é não ter medo de ser julgado.



Ministro Alexandre de Moraes, durante sessão da Primeira Turma do STF (25/2/2025) | Foto: Rosinei Coutinho/STF

Por óbvio, Moraes, o julgador universal, jamais julgado, nunca poderia parafrasear tal “coragem”. Moraes, o paladino das instituições, é, na verdade, inimigo da coragem como virtude nos sertões. Moraes, o excepcional, trapaceia. Moraes, o próprio Estado a punir até os mais humildes

dissidentes, insurge-se demasiada e desproporcionalmente contra homens muito mais fracos. Quanto mais detém o monopólio da violência estatal, mais severo é Moraes, de maneira que é possível citar (apropriadamente) o velho refrão de Bezerra da Silva: "Você, com revólver na mão, é um bicho feroz; feroz. Sem ele, anda rebolando e até muda de voz".

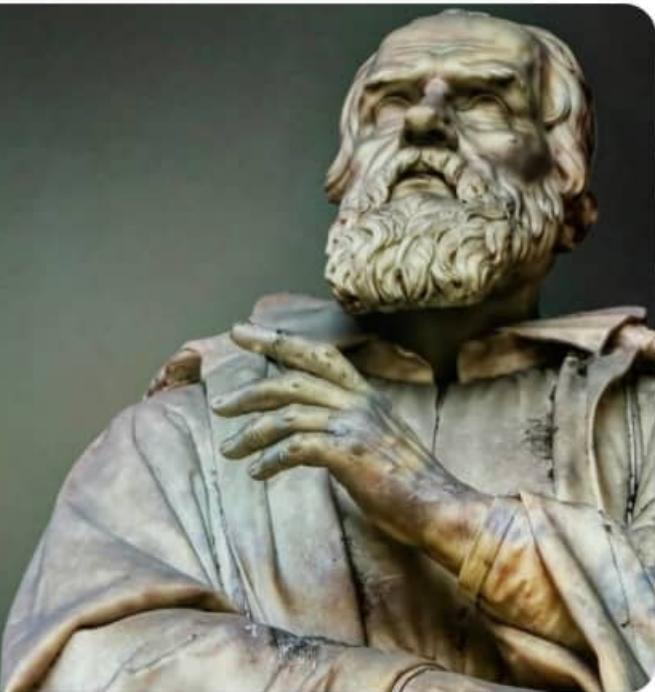
Disso se extrai o erro de número quatro: chamar de coragem a sua patente covardia. Poderíamos recorrer ao Górgias ou *Protágoras*, ambos de Platão, para demonstrar que coragem (virtude) e covardia (vício) são inconfundíveis, mas dissuadir um covarde do seu delírio de coragem é tarefa tão inglória quanto ensinar etiqueta a uma tarambola.

De duas, uma: ou Moraes é, em seus próprios termos, patético e medíocre ou pretende esvaziar a palavra "coragem" para rotular a sua covardia da mesma forma que esvaziou "democracia" para travestir o seu fascismo — o que também é, a qualquer plateia alfabetizada, patético e medíocre. Ou ambas?

De duas, uma: ou Moraes é, em seus próprios termos, patético e medíocre ou pretende esvaziar a palavra “coragem” para rotular a sua covardia da mesma forma que esvaziou “democracia” para travestir o seu fascismo – o que também é, a qualquer plateia alfabetizada, patético e medíocre. Ou ambas?

# Os jornalistas da GloboNews e suas bobagens "científicas"

A ciência moderna é uma invenção do Cristianismo medieval, e os maiores avanços no raciocínio científico foram em grande parte obra de cristãos, tanto sacerdotes quanto leigos



Na GloboNews, exasperado com o desmonte realizado por Trump na assim chamada “ciência” climática – uma disciplina tão científica quanto a “ciência” do “fique em casa, a economia a gente vê depois” –, o comentarista André Trigueiro [pontificou](#) sobre a demissão de alarmistas, digo, cientistas do clima nos EUA:

*“Eu não estaria exagerando ao dizer que Trump, hoje, replica o que a Igreja Católica, na Idade Média, com a ferramenta da Inquisição, fazia – guardadas as proporções –, que é censura e punição para quem fazia ciência. Então você pega Galileu Galilei, Giordano Bruno... Hoje são os cientistas do clima.”*

Trump proíbe cientistas de trabalharem em relatório climático, e [@andretwig](#) comenta: “Eu não estaria exagerando ao dizer que Trump, hoje, replica o que a Igreja Católica, na Idade Média, com a ferramenta da inquisição, fazia – guardadas as proporções –, que é censura e

punição...

[pic.twitter.com/ZWwbwla7bC](https://pic.twitter.com/ZWwbwla7bC)

— GloboNews (@GloboNews) [February 24, 2025](#)

Não, André Trigueiro, você não está mesmo exagerando. O que você está é dizendo uma completa besteira — sobre as decisões de Trump e, principalmente, sobre a Idade Média. Decerto ocupado em salvar tartaruguinhas e samambaias do apocalipse climático (cuja profecia decretava a Amazônia virando um deserto no início dos anos 2000), você nunca teve tempo de estudar o básico da história da ciência, contentando-se com uma fábula infantil sobre o relacionamento da Igreja com a ciência. De modo que, ao me dirigir a você, sinto-me inclinado a adotar o mesmo tom didático que usaria para explicar a uma criança que os bebês não vêm ao mundo trazidos por cegonhas.

Em primeiro lugar, ao dizer que a Igreja medieval censurava e perseguia “quem fazia ciência”, você

obviamente não tem outros exemplos a dar que os surrados casos de Galileu Galilei e Giordano Bruno. Não lhe parece estranho que, tendo a Idade Média durado aproximadamente mil anos, ao longo dos quais a Igreja não cessou de perseguir os cientistas, você não consiga citar o nome de mais nenhuma vítima além de Galileu e Giordano? Mil anos e apenas dois perseguidos? Espantoso!

Mas, para a sua decepção, digo que nem esses dois nomes mistificados você poderá sustentar. O de Giordano Bruno terá que ser logo descartado, uma vez que ele jamais foi cientista, e a sua condenação pela Igreja nada teve a ver com ciência ou com o heliocentrismo copernicano, como reza a lenda. De acordo com o historiador italiano Angelo Mercati, que descobriu e publicou [o documento resumido referente ao julgamento e à condenação de Bruno pela Inquisição Romana](#), os crimes de Bruno eram claramente

de natureza religiosa, independentemente de suas opiniões sobre a estrutura do cosmos físico. [Como concluiu o consagrado historiador da ciência Thomas Kuhn](#), “Bruno não foi executado por causa do copernicanismo, mas por uma série de heresias teológicas centradas em sua visão da Trindade (...) Ele não é, como se acredita, um mártir da ciência”.



Estátua de Giordano Bruno no Campo de' Fiori, em Roma, na Itália | Foto: Shutterstock

Quanto a Galileu, como nos mostra o historiador Pietro Redondi, que esmiuçou toda a documentação histórica do caso, a história é bem mais complexa do que a lenda nos fez acreditar. Para começar, ao contrário do que muitos acreditam até hoje, ele jamais foi encarcerado e muito menos torturado.

Tampouco foi censurado de maneira plena, e continuou a estudar e publicar sobre uma série de temas científicos. Ele gozava de grande estima junto ao clero católico, que contava com muitos discípulos seus. De acordo com o historiador Thomas Lessl, o processo de Galileu foi um caso “anômalo (...) uma fissura pontual na relação quase sempre harmoniosa entre Cristianismo e ciência”. E, como concluiu o filósofo da ciência Alfred Whitehead a partir do caso Galileu: “O pior que aconteceu aos homens de ciência na Idade Média foi o fato de Galileu ter sofrido uma detenção honrosa e uma suave reprimenda, antes de morrer pacificamente em sua cama”.

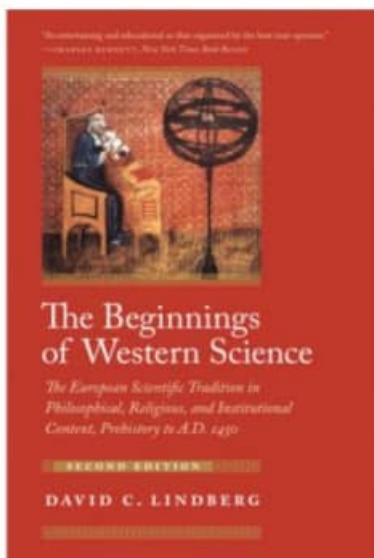
Os casos de Giordano Bruno e Galileu Galilei serviram aos ideólogos científicos dos

séculos 18 e 19 para construir a mitologia da guerra entre ciência e religião, uma mitologia fabricada por autores como [Andrew Dickson White](#) e [John William Draper](#), cuja narrativa fantasiosa, pura propaganda anticlerical, continua sendo repetida até hoje por ignoros e desavisados, mesmo tendo sido inteiramente desacreditada pelos mais relevantes historiadores da ciência desde o início do século 20. Na verdade, o que esses historiadores têm demonstrado – nomes como Pierre Duhem, Stanley Jaki, Edward Grant, David Lindberg, Gary Ferngren, Christopher Dawson, J. L. Heilbron, Alistair C. Crombie, Thomas Goldstein, entre outros – é precisamente o contrário: que a ciência moderna é uma invenção do Cristianismo medieval e que os maiores avanços no raciocínio científico foram em grande parte obra de cristãos, tanto sacerdotes quanto leigos. Contrariando a mitologia anticlerical, o registro histórico mostra que a Igreja Católica foi provavelmente a maior e mais duradoura patrocinadora da ciência em todos os tempos, que muitos dos protagonistas da Revolução

Científica eram católicos e que várias instituições e perspectivas católicas tiveram uma influência fundamental no surgimento da ciência moderna.

Com efeito, a ciência, como atividade organizada e institucionalizada tal qual hoje a conhecemos, surgiu apenas uma vez na história da humanidade e num único lugar: a Europa da Idade Média. E por que a ciência moderna se desenvolveu aí e em nenhum outro lugar? Num discurso proferido em setembro de 2006, em Regensburg (Alemanha), o papa Bento XVI deu a pista: o Cristianismo é a única religião na qual a razão tem um peso fundamental. A mente europeia recebeu da escolástica medieval aquele treinamento fundamental no pensamento racional, do qual dependem todas as suas conquistas posteriores. “Os mestres da Idade Média” – conclui David Lindberg em *The Beginnings of Western Science* – “criaram uma ampla tradição intelectual, sem a qual o subsequente progresso na filosofia natural teria sido inconcebível”. Ou, como resume Alfred Whitehead: “A fé na possibilidade da ciência é

um derivado inconsciente da teologia medieval".



Capa do livro  
*The Beginnings of Western Science*, de David Lindberg | Foto: Divulgação

Mas a contribuição católica para a ciência não se limitou às ideias e à predisposição filosófica. Ela se revelou tanto institucionalmente – com a criação das primeiras universidades (“o ninho de onde a ciência levantou voo”, nas palavras do historiador do catolicismo Henri Daniel-Rops)

– quanto pessoalmente. Muitos dos principais inovadores científicos foram sacerdotes, e um catálogo completo dos católicos que contribuíram para a Revolução Científica não caberia neste artigo. Nas ciências médicas, por exemplo, poderíamos mencionar Andreas Vesalius (1514-1564), o famoso anatomista de Bruxelas; Joan Baptista Van Helmont (1579-1644), uma das vozes mais inovadoras e influentes da medicina e da química do século 17; ou Marcello Malpighi (1628-1694), o primeiro microscopista a observar os capilares, provando assim a circulação do sangue. Na geologia, destaca-se o pioneirismo do bispo Nicolau Steno (1638-1686), conhecido por seu trabalho fundamental sobre fósseis e a formação geológica das camadas de rocha. A física atômica deve muito ao trabalho do padre católico Pierre Gassendi (1592-1655). E a matemática, ao frade Marin Mersenne (1588-1648), também um organizador e disseminador das ideias de René Descartes (outro católico, aliás).

Um capítulo à parte teria que ser dedicado aos

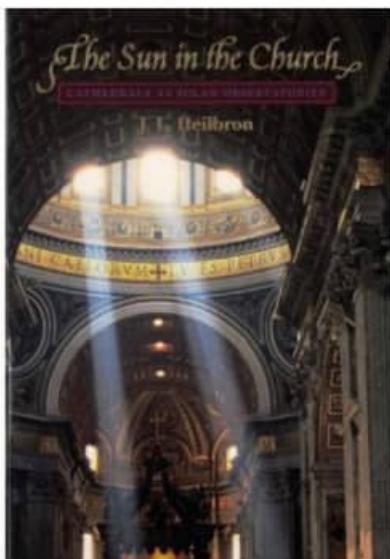
jesuítas, verdadeiros fundadores de especialidades científicas modernas, tais como a astronomia e a sismologia. Formalmente estabelecida em 1540, a Companhia de Jesus deu tamanha ênfase à educação que, até 1625, havia fundado sozinha quase 450 faculdades na Europa. Até 1700, os jesuítas ocupavam a maioria das cátedras de matemática nas universidades europeias. Vários padres jesuítas contribuíram decisivamente para o progresso científico. O calendário reformado, por exemplo, promulgado pelo papa Gregório XIII em 1582 e ainda em uso, foi elaborado pelo matemático e astrônomo jesuíta Christoph Clavius (1538-1612). Christoph Scheiner (1573-1650) estudou manchas solares, Orazio Grassi (1583-1654) estudou cometas, e Giambattista Riccioli (1598-1671) elaborou um catálogo de estrelas e um mapa lunar detalhado, além de confirmar experimentalmente, ao medir suas exatas taxas de aceleração durante a descida, as leis de Galileu sobre corpos em queda. Investigadores jesuítas de ótica e luz incluem Francesco Maria Grimaldi (1618-1663), que,

entre outras coisas (como colaborar com Riccioli no mapa lunar), descobriu o fenômeno da difração da luz e lhe deu esse nome. O frei jesuíta Niccolò Cabeo (1586-1650) contribuiu decisivamente para o estudo do magnetismo, quando inventou a técnica de visualizar as linhas do campo magnético ao polvilhar limalhas de ferro sobre uma folha de papel colocada em cima de um ímã. E os exemplos se multiplicam ao infinito.

No livro *The Sun in the Church*, o historiador J. L. Heilbron (insuspeito de simpatias clericais) destaca a presença dos jesuítas no progresso da astronomia. Embora tipos como André Trigueiro o ignorem por completo, dezenas de crateras da Lua são batizadas com nomes dos cientistas e matemáticos jesuítas que as descobriram. Nas palavras do autor:

*"A Igreja Católica Romana deu mais apoio financeiro e social ao estudo da astronomia por mais de seis séculos – desde a recuperação do conhecimento antigo no final da Idade Média até o Iluminismo – do que qualquer outra instituição e, provavelmente, do que todas as*

*outras juntas.”*



Capa do livro  
*The Sun in the Church*  
, do historiador J. L. Heilbron | Foto: Divulgação

Sobre o surgimento das primeiras universidades, [o grande historiador Christopher Dawson observou](#):

*“Os mais altos estudos eram dominados pela técnica da discussão lógica: a questio e o debate público, que tão amplamente determinaram a forma da filosofia medieval,*

*sobretudo nos seus principais expoentes. 'Nada pode ser perfeitamente conhecido – disse Roberto de Sorbonne [1201-1274] – se não tiver sido mastigado pelos dentes do debate, e a tendência a submeter todas as questões, da mais óbvia à mais abstrusa, a esse processo de mastigação não só estimulava a perspicácia e a exatidão do pensamento como, acima de tudo, desenvolvia o espírito crítico e a dúvida metódica a que a cultura e a ciência ocidentais tanto devem'.*

A opinião de Dawson é partilhada pelo historiador da ciência Edward Grant, que afirma no livro *God and Reason in the Middle Ages*:

*"O que foi que tornou possível à civilização ocidental desenvolver a ciência e as ciências sociais de um modo que nenhuma outra civilização havia conseguido até então? Estou convencido de que a resposta está no penetrante e arraigado espírito de pesquisa que teve início na Idade Média como consequência natural da ênfase posta na razão. Com exceção*

*das verdades reveladas, a razão era entronizada nas universidades medievais como arbítrio decisivo para a maior parte dos debates e controvérsias intelectuais. Os estudantes, imersos em um ambiente universitário, consideravam muito natural empregar a razão para pesquisar as áreas do conhecimento que não haviam sido consideradas seriamente.”*

Essas são, enfim, as opiniões de quem realmente conhece a história da ciência e a história da Igreja. Quanto a você, André Trigueiro, que tudo ignora de ambos os assuntos, o mais recomendado é que volte a se dedicar ao salvamento das tartaruguinhas e das samambaias. E que, entretendo-se com a fábula, deixe a história para os adultos.

# Vacinação contra o otimismo

O governo vai escolher se vai permanecer cometendo os erros graves que o vêm caracterizando ou se vai passar a praticar outros ainda mais crassos



*"E só uma fase ruim, mas anime-se, porque logo vai piorar."*

**(Autor desconhecido)**

Ao se considerar a política econômica do atual governo, a impressão é a de que é impossível ser otimista e ao mesmo tempo conhecer minimamente o mundo real ou dominar conceitos econômicos, por mais básicos que sejam. É uma coisa ou outra: quem conhece economia ou, pelo menos, aprendeu no dia a dia a observar como ela funciona não tem como enxergar qualquer perspectiva de progresso para o Brasil, e quem acha que o país está bem ou que, nas atuais mãos, vai melhorar, é porque, indubitavelmente, desconhece os rudimentos da teoria econômica ou nasceu dotado de enorme incapacidade de observação e colossal inaptidão para o aprendizado. Analisar a economia não é como torcer por um clube de futebol, em que é possível sempre ser otimista, porque, mesmo quando nosso time está jogando muito mal, um lance fortuito pode lhe dar a vitória; na economia, quem joga mal perde sempre.

A gestão do ministro da Fazenda até aqui – com as bênçãos do seu chefe, é bom frisar – pode ser assim resumida: gastar e arrecadar hoje; gastar mais e arrecadar mais amanhã; gastar muito mais e arrecadar muito mais depois de amanhã; e assim sucessivamente. O discurso de austeridade fiscal até que está na ponta da língua, mas o que se observa na prática é a absoluta ausência de limites para a sanha gastadora e para a cólera arrecadadora. Ou não é assim?



Os problemas que essa política acarreta são frequentemente minimizados ou simplesmente desprezados por quem a defende, a começar pela imprensa amestrada e pela Academia acumpliciada: ao inferno as preocupações com a dívida interna, porque, afinal, como alguns dinossauros econômicos já escreveram em jornais “consorciados” e supostos especialistas escolhidos a dedo expressaram em canais de TV irrigados com verbas oficiais, até hoje nenhum governo faliu e fechou as portas (o que supostamente lhes outorga a prerrogativa de gastar sem qualquer preocupação); que se dane o medo de a inflação explodir, já que aumentos contínuos de preços podem até ser bons para estimular a produção; macacos mordam os economistas conservadores que vivem preocupados com “dominância fiscal”, uma vez que esses tecnocratas têm o coração duro e não possuem qualquer sensibilidade social; raios partam os temores de que o setor privado está sendo cada vez mais sufocado, dado que, ao fim e ao cabo, é o governo que tem a capacidade e deve assumir a responsabilidade

de tocar a economia para a frente; e chovam canivetes sobre quem reclama do preço da picanha, porque é uma pessoa presunçosa e metida a rica, que se recusa a trocá-la por músculo ou pescoço.

É cansativo, a esta altura do campeonato, ainda ter que se deparar com tantos argumentos broncos, e por isso é muito inquietante observar alguns movimentos recentes do governo e antever as suas consequências. De fato, é insano que, já no final do primeiro quarto do século 21, depois de tantas experiências, erros e acertos que poderiam ter sido ricos em ensinamentos sobre o que deve e o que não deve ser feito em situações semelhantes, ainda se acredite no Estado como o grande responsável pelo progresso e ainda se cogite a adoção de certas medidas para tentar segurar a chamada (erradamente) “inflação de alimentos”, como, por exemplo, políticas de controle de preços e de estabelecimento de cotas de exportações. Francamente, o governo brasileiro parece estar ainda na década de 80 do século passado,

alheio à digitalização, ao papel informativo das redes sociais, aos extraordinários avanços tecnológicos, ao fim da guerra fria, à necessidade de competitividade, aos requisitos de segurança jurídica, à integração comercial e ao salto extraordinário de nosso agronegócio. O discurso do PT e de seus aliados de esquerda — a começar pelo do presidente — não mudou absolutamente nada desde então, e suas ideias permanecem aprisionadas e imobilizadas em uma gigantesca teia de aranha pendente do teto de uma caverna medonha.

Preocupado com a queda acentuada nos índices de popularidade, que navegam merecidamente no nível mais baixo de seus três mandatos, e tendo em vista as eleições do próximo ano, o presidente, instigado pela ala política de seu governo e provavelmente aconselhado por seu novo marqueteiro-mor, “encomendou” um conjunto de medidas econômicas para serem adotadas imediatamente. Trata-se, como não poderia deixar de ser, de um “pacote de bondades” que

mescla populismo desenfreado, obscurantismo econômico desbragado e déficit de aprendizado desvairado. Uma lástima.



Preocupado com a queda de popularidade e as eleições, o presidente Lula adotou medidas econômicas que misturam populismo, ignorância e falta de aprendizado | Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

No rol de medidas resultantes desse trio execrável estão: o anúncio de isentar do Imposto de Renda as pessoas físicas que

ganham até R\$ 5 mil por mês; a proposta de reformulação do crédito consignado para trabalhadores do setor privado com carteira assinada; a permissão para que pequenas e médias empresas usem as movimentações financeiras por meio do Pix para garantir empréstimos; o “Gás para Todos”, com a ampliação do Auxílio Gás de 5,4 milhões para 22 milhões de famílias; a distribuição de todos os medicamentos do programa Farmácia Popular de forma “gratuita”; o programa Pé-de-Meia, que oferece incentivos financeiros a estudantes do ensino médio de escolas públicas para estimular a permanência até a conclusão dos estudos; a permissão para que os trabalhadores que aderiram ao saque-aniversário e foram demitidos sem justa causa entre janeiro de 2020 e fevereiro de 2025 possam resgatar o saldo retido no Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS); e a concessão de benefícios tributários para micro e pequenas empresas exportadoras, que poderão pagar menos tributos do Simples Nacional. Essas propostas, entretanto, se defrontam com a insuficiência de fontes de

financiamento e com as habituais cobranças do Congresso pela reforma ministerial e pela liberação de emendas parlamentares que, como se sabe, foram questionadas pelo Supremo Tribunal Federal.

No entanto, se você, com toda a razão, acha lamentáveis esses projetos e outros semelhantes, é aconselhável preparar-se, porque poderão sobrevir coisas ainda piores. Quem tem olhos para enxergar sabe que a recente escolha da nova ministra da Secretaria de Relações Institucionais, encarregada da importante tarefa de negociar as pautas do governo com o Congresso, é um indicador seguro de que o presidente parece inclinado a redirecionar o seu governo (ainda) mais para a esquerda, imaginando que isso lhe devolverá a aprovação popular. Todos sabem que a ministra, dentro do partido que presidiu até ser nomeada, partilha das ideias das alas ideológicas mais radicais, que são contra a austeridade fiscal, não veem a inflação e a dívida pública como problemas, olham para o setor privado sempre com desconfiança e – pasmem – até acreditam na existência de um

papel “empreendedor” para o Estado na promoção do desenvolvimento.

Sim, por incrível que pareça, ainda há quem acredite nessas bizarrices e, em especial, há quem aceite a ideia estapafúrdia de que o Estado pode empreender. Há, inclusive, economistas que se prestam a dar respaldo pretensamente científico a elas, como a italiana Mariana Mazzucato, autora do livro *O Estado Empreendedor: Desmascarando o Mito do Setor Público Vs. Setor Privado*, admirada por Bill Gates e, segundo a imprensa, pelo papa Francisco, consultora de vários governos (entre os quais, como não poderia deixar de ser, o do Brasil) e que vem sendo endeusada pela esquerda globalista desde o tempo da pandemia por defender que a covid-19 foi uma oportunidade de construir um capitalismo radicalmente diferente, com destaque para os investimentos do Estado nos processos de inovação, assim como por seus inacreditáveis propósitos de acabar com o “mito de que o Estado é uma entidade burocrática que simplesmente promove a lentidão [sic]” e de

demonstrar que em economia "o valor não é apenas o preço". Ou seja, os objetivos dela são: primeiro, provar que o Estado não é o Estado e, segundo, que preço e valor são coisas diferentes, algo que os precursores da Escola Austríaca em Salamanca já demonstraram há 500 anos, na linguagem da época.



Mariana Mazzucato defende que o Estado pode empreender e, assim, desafia conceitos econômicos tradicionais e ganha apoio da esquerda globalista | Foto: Flickr/Christian

E curioso como os círculos ditos “progressistas” têm uma necessidade patológica de prestar culto a economistas hábeis em construir gambiarras para revestir de “ciência” cogitações que não passam de apanhados de velhas falácia, fartamente comprovadas. Quem não se lembra, apenas para citar um exemplo, de Thomas Piketty, o francês que se tornou mundialmente conhecido com o livro *O Capital no Século XXI*, de 2013, um esforço incrível e nada ético de manipulação de dados para dar a impressão de que nos países desenvolvidos a taxa de acumulação de renda é maior do que as taxas de crescimento econômico, o que seria, segundo ele, uma ameaça à democracia, a ser combatida por meio da taxação de “grandes” fortunas?

A verdade é que parece bastante plausível a intensificação das antigas e conhecidas discordâncias entre o ministro da Fazenda e a nova ministra de Relações Institucionais, ou seja, tudo leva a crer que o governo vai escolher se vai permanecer cometendo os

erros graves que o vêm caracterizando ou se vai passar a praticar outros ainda mais crassos ou, em outras palavras, se vai continuar sendo incompetente ou vai ser ainda mais incompetente.

Diz-se que o núcleo político do governo, prestes a meter o nariz na seara da Fazenda, quer impor cotas de exportação e criar um imposto para quem vende produtos no exterior, tal como a Argentina fez no governo desastroso de Alberto Fernández. Isso, além de prejudicar a competitividade do agro nacional e onerar a produção com mais um imposto, enviará um sinal claríssimo, dentre tantos outros já emitidos, para os investidores e empresários externos: o de que investir no Brasil será sinônimo de correr riscos ingenuamente, uma vez que as regras do jogo mudam a qualquer momento.



O Ministério da Fazenda planeja impor cotas de exportação e novos impostos, o que prejudicaria a competitividade e geraria incerteza para investidores | Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

A isenção do Imposto de Renda para quem ganha menos de R\$ 5 mil, juntamente com as demais propostas do pacote de bondades, obviamente, provocará perda de arrecadação, algo de que o governo do PT foge como o Capiroto zarpa da cruz. Segundo o Ministério da Fazenda, somente o impacto da isenção do

IR, sem considerar os demais efeitos causados pelo pacote, será de R\$ 35 bilhões. Alguns economistas, no entanto, questionam esse valor e estimam uma queda de arrecadação perto de R\$ 50 bilhões.

Dado que a queda na receita precisará ser compensada de alguma forma, parece plausível esperarmos uma tentativa do governo de taxar as “grandes fortunas”, uma experiência que fracassou em todos os países em que foi posta em prática, mas que exerce um fascínio enorme, alimentado pela inveja, sobre a esquerda. Já podemos até antever certa jornalista, na roda de um outrora respeitado canal de TV fechada, tentando convencer aos poucos telespectadores que a emissora – transformada tristemente em porta-voz do governo – ainda possui: “O governo vai taxar as grandes fortunas. Entenda como isso é bom”.

Não tem jeito, gente. Desconheço o autor da frase que coloquei na epígrafe, mas é forçoso reconhecer que, com o atual quadro

econômico, com ou sem a guinada ainda mais radical à esquerda, ela reflete a verdade. Esse governo é uma verdadeira campanha de vacinação contra o otimismo. E olhe que neste artigo só falei de economia...

---

***Ubiratan Jorge Iorio*** é economista, professor e escritor.

**Instagram:** [@ubiratanjorgeiorio](https://www.instagram.com/@ubiratanjorgeiorio)

**Rede X:** [@biraiorio](https://www.x.com/@biraiorio)

# Economistas preocupados com a escalada populista do governo

E mais: a queda da confiança dos consumidores, a invasão de carros chineses, os vazamentos de chaves Pix e o recuo da produção de petróleo



Em reunião com diretores do Banco Central, economistas do mercado financeiro manifestaram preocupação com uma possível escalada populista do governo Lula. O temor é que diante da queda de popularidade o Executivo responda com novos estímulos fiscais, para tentar sustentar artificialmente o crescimento e evitar uma desaceleração.

Iniciativas como o novo consignado privado e um eventual impulso nos investimentos por meio de empresas estatais foram citadas como fontes de preocupação.

Os economistas estão preocupados com a alta da dívida pública e o controle da inflação. Além das consequências para o Brasil de um cenário externo mais complicado, após a eleição de Donald Trump.

\*\*\*

## **Eleição de 2026 aflige o mercado**

A Pesquisa de Sentimento do Investidor do BTG Pactual realizada em fevereiro mostrou

que os gestores estão mais preocupados com as eleições de 2026 (47%) do que com a política fiscal do governo federal (42%).

Em janeiro, as posições eram invertidas, com o futuro ciclo eleitoral preocupando apenas 28% dos entrevistados, e o risco fiscal, 60% dos votantes.

Mesmo com um aumento na sensibilidade relativa às eleições de 2026 e ao comportamento dos juros americanos, os investidores se mostraram mais otimistas na comparação com janeiro.

Cerca de 49% dos investidores estão procurando adicionar risco às suas carteiras, acima dos 36% registrados no mês anterior.

# ELEIÇÕES 2026



Foto: Shutterstock

\*\*\*

## Confiança em queda

A confiança dos consumidores em relação à economia recuou no mês de fevereiro.

O Índice Nacional de Confiança (INC), da Associação Comercial de São Paulo (ACSP),

registrou 99 pontos, caindo 2,9% na comparação com o mesmo período do ano passado.

Quando o índice está abaixo de 100 pontos, significa que a confiança dos consumidores está no campo “pessimista”.

Os dados foram divulgados pela ACSP por meio da plataforma PiniOn. Essa foi a primeira vez desde junho de 2024 que um clima pessimista para com a economia foi registrado pela entidade.

As Regiões Norte e Centro-Oeste registraram as maiores quedas na confiança dos consumidores. No caso da divisão por classes socioeconômicas, também houve recuo generalizado, e ele foi mais acentuado para as famílias da classe C.

\*\*\*

## **Memórias da Lava Jato**

A Petrobras voltou a fazer negócios com

empresas envolvidas na Lava Jato. Em um dos setores pivôs do escândalo de corrupção.

A Transpetro, subsidiária de logística da estatal petrolífera, assinou um contrato de R\$ 1,6 bilhão com o estaleiro Mac Laren para a construção de quatro navios-tanques.

A obra será feita em parceria com o Grupo Ecovix, envolvido na Lava Jato, atualmente em recuperação judicial.

O primeiro navio deverá ser entregue até o fim de 2026.



Estaleiro Mac Laren | Foto: Reprodução/Redes Sociais

\*\*\*

## Invasão chinesa

A fabricante chinesa de carros elétricos BYD continua sua conquista do mercado brasileiro, e importou outros 5.500 veículos fabricados na China.

O navio cargueiro BYD Explorer Nº 1 atracou no Portocel, em Aracruz (ES), com a remessa de carros nos modelos Dolphin, Yuan e Song.

A Anfavea, associação que reúne os fabricantes de veículos automotores do Brasil, manifestou “preocupação” com a chegada do navio, pois há mais de 40 mil unidades importadas que já estão estocadas no Brasil.

A entidade pediu que o governo federal volte a cobrar a alíquota de 35% de impostos de importação para veículos elétricos e híbridos. Desde julho de 2024, o imposto baixou em 18% para elétricos, 20% para híbridos *plug-in* e 25% para híbridos.



BYD continua sua conquista do mercado brasileiro | Foto: Reprodução/Redes Sociais

\*\*\*

## Segurança do Pix em xeque

O vazamento de chaves Pix é considerado uma das principais ocorrências de segurança que impactaram a internet no Brasil no ano passado.

Segundo o relatório anual elaborado pela empresa de segurança cibernética Apura, em 2024 houve uma quantidade recorde de casos de vazamentos relatados pelo Banco Central (BC), com o envolvimento de mais de 260 mil chaves Pix.

Os dados financeiros vazados são utilizados por bandidos para golpes de *phishing* e engenharia social.

\*\*\*

## **Hotelaria em expansão**

A rede americana de hotéis Wyndham está de olho no mercado brasileiro.

A empresa tem atualmente 35 empreendimentos no país, mas pretende dobrar sua presença nos próximos dois anos.

A decisão chega em um momento interessante para o turismo brasileiro. No ano passado, o Brasil recebeu um número recorde de turistas, quase 7 milhões, e quer superar

novos marcos ao longo de 2025.



Hotéis Wyndham estão de olho no mercado brasileiro | Foto: Shutterstock

\*\*\*

## **Vendendo remédio que nem pão**

As vendas do setor farmacêutico no Brasil cresceram 11% em 2024 na comparação com o ano anterior, chegando a R\$ 158,4 bilhões.

Segundo dados da Associação dos Distribuidores Farmacêuticos do Brasil (Abafarma), as vendas também cresceram em volume, registrando 8 bilhões de unidades, alta de 6%.

Segundo a entidade, no Brasil operam quase 94 mil farmácias e drogarias. Mais de um terço delas fica na Região Sudeste, com cerca de 37 mil estabelecimentos.

\*\*\*

## **Embraer no México**

A Embraer adicionou a Fly Across MRO à rede de centros de serviços autorizados para aviação executiva, ampliando a atuação da fabricante brasileira no mercado mexicano.

A nova parceira fornecerá manutenção de base para as séries de jatos Phenom e Praetor no Aeroporto Internacional de Toluca.

O acordo também inclui os modelos Legacy 450 e Legacy 500.



Jato Phenom 300E | Foto: Reprodução/Redes Sociais

\*\*\*

## **Produção de petróleo em queda**

A produção de petróleo do Brasil em janeiro registrou queda de 2% na comparação com o mesmo mês de 2024.

Segundo os dados mensais divulgados pela

Agência Nacional de Petróleo (ANP), a extração de gás natural em janeiro foi de mais de 160 milhões de metros cúbicos por dia (m<sup>3</sup>/dia), o que corresponde a uma queda de 0,2% frente a janeiro de 2024.

A produção total, que soma petróleo e gás natural, foi de mais de 4 milhões de barris de óleo equivalente por dia (boe/dia). Desse total, o pré-sal correspondeu a quase 77%, com aproximadamente 3,5 milhões de boe/dia em janeiro.

Os campos operados pela Petrobras, sozinha ou em consórcio com outras empresas, foram responsáveis por 88% do total produzido no Brasil.

A produção teve origem em cerca de 6.500 poços, sendo mais de 500 marítimos e quase 6 mil terrestres.

# Lula deixa a safra sem plano

O freio puxado sobre as linhas de crédito compromete o sucesso do agronegócio brasileiro



O Brasil é um campeão mundial do agronegócio, e todo mundo sabe disso. Mas esse feito não acontece por milagre. Existe muita gente trabalhando duro para que o país se destaque nessa área. O governo Lula, em compensação, joga contra: deixou que o Plano Safra, um dos grandes segredos para esse sucesso, fosse interrompido.

Por mais trivial que seja um prato quentinho de arroz e feijão, a existência desses alimentos envolve atividades muito complexas e arriscadas. Se há risco em cozinhar com uma panela de pressão, imagine em cultivar em áreas equivalentes a vários quarteirões por meses para vender a colheita. Além do longo tempo investido sem faturar, o preço pode cair bem na época da safra. Pior ainda: algum evento incontrolável da natureza (como uma grande chuva) pode arrasar toda a plantação e acabar com a produção inteira.

É preciso mitigar a insegurança que afeta tanto os produtores quanto os credores e os consumidores. Daí a necessidade do Plano

Safra, algo muito além de uma linha de crédito para comprar sementes, custear insumos e garantir o salário dos trabalhadores no campo. O programa também serve para adquirir equipamentos necessários para produzir mais com menos terra, construir estruturas dedicadas à armazenagem e até comprar máquinas para a produção agroindustrial.

O arroz da mesa, por exemplo, não sai da roça branquinho e polido. Uma central de beneficiamento deixa o grão adequado para o cozimento em casa. O mesmo acontece com o feijão. A carne, então, nem se fala. É preciso abater e fatiar um boi para que vire um bife. O leite também não sai da vaca sozinho – é preciso um laticínio para ser transformado em produtos absolutamente comuns, como creme, manteiga, queijo, iogurte, leite condensado, requeijão etc.



Rebanho de gado Nelore em fazenda em Mato Grosso | Foto: Marcus Mesquita/Shutterstock

## Sem dinheiro na roça?

O Tesouro Nacional anunciou a paralisação do Plano Safra em 21 de fevereiro. Segundo algumas estimativas, o freio puxado sobre as linhas impedia que R\$ 36 bilhões chegassem aos produtores. O governo Lula correu para tentar apagar o incêndio e, dias depois, liberou R\$ 4 bilhões para evitar que a fonte secasse completamente. Ainda assim, nos bastidores,

líderes do setor agrícola afirmam que os valores não estão à altura da demanda e que o Palácio do Planalto está atirando no escuro.

A paralisação de R\$ 36 bilhões equivale a toda a riqueza gerada ao longo de um ano em Cuiabá, uma das capitais do agro brasileiro. O baque gera uma enorme insegurança: "Como o programa será executado no futuro?"

Na safra 2024/2025, o plano completo previa a injeção de R\$ 476 bilhões para subsidiar as linhas de crédito. A aplicação se estende a produtores de todos os tamanhos: do criador de galinhas em uma pequena granja de produção de ovos ao grande agricultor que planta milho e soja, usados na nutrição dessas aves.

Ao longo dos últimos anos, tanto um quanto o outro tiveram que lidar com riscos muito além de qualquer controle. Boa parte das preocupações vem do céu. Para as granjas, o perigo é um vírus trazido do Norte para o Sul por aves silvestres que causa a chamada gripe aviária. Até agora, os brasileiros conseguiram

lidar de forma exemplar com o problema. Diferentemente do resto do mundo, aqui a doença não chegou às granjas comerciais – tudo graças à expertise dos criadores brasileiros.

Já para os agricultores, as chuvas (ou a falta delas) foram um grande problema. No Estado líder do cultivo de grãos, Mato Grosso, houve estiagem na época de plantio em 2024, reduzindo a produção de uns e chegando a destruir toda a lavoura de outros. Ao mesmo tempo, um dilúvio arrasou o Rio Grande do Sul e tornou imprestáveis colheitas inteiras de soja. O arroz não foi perdido por sorte: pouco antes de a chuva começar, havia sido feita a colheita na maior parte das roças.



São Vendelino, na Serra Gaúcha, área atingida pela enchente | Foto: Mauricio Tonetto/Secom

A vida do agricultor fica difícil inclusive quando a safra supera as expectativas. Grandes colheitas derrubam o preço na roça. Ao mesmo tempo, os preços de insumos vitais, como o diesel para mover os tratores, o fertilizante para a planta crescer e os defensivos para as pragas não se alastrarem, continuam subindo. Tudo isso é cotado em

dólar, moeda sobre a qual o governo Lula demonstrou não ter mais qualquer controle.

O faturamento cai enquanto o custo sobe. Muitas vezes, o jeito é jogar fora a produção. No Brasil, a doação é algo burocrático e até gera imposto. O pagador é quem recebe – se não há dinheiro para comprar comida, imagine então para pagar o imposto para recebê-la? Quando o agricultor descarta uma carga inteira de alimentos em vez de doá-la, faz isso apenas por um motivo: não encontra quem tenha dinheiro para receber a carga. Recentemente, vídeos de agricultores desesperados exatamente por esse motivo inundaram as redes sociais. Somam-se a isso alguns números que evidenciam quanto viver da produção rural não está fácil.

## **Cartão amarelo no campo**

O mercado de máquinas agrícolas mostra que

o agro botou o pé no freio. Em 2024, as vendas de colheitadeiras não chegaram à metade do número registrado no ano anterior. No Brasil inteiro, foram vendidas 3,2 mil unidades, ante as 8,8 mil de 2023. E os resultados negativos não se limitam à necessidade de investir menos — há quem esteja quebrando.

Na semana passada, o Banco do Brasil divulgou seus resultados de 2024. O agro é o principal negócio da carteira de crédito da instituição. A imensa maioria do agro ainda consegue pagar as contas — o agricultor brasileiro lida com anos de incerteza e fez brotar onde o mundo achava que nada seria possível. Ainda assim, a inadimplência passou de 2% — mais do que o dobro do cenário um ano antes, quando não chegava a 1%. Em meio à falta de recursos para pagar as dívidas, muita gente pediu recuperação judicial — que é nos negócios o equivalente a um cartão amarelo no futebol: não tira o jogador de campo, mas o deixa a um passo de sair do jogo.

clientes recorreram à recuperação judicial. A situação pode se deteriorar ainda mais. No terceiro trimestre de 2024 (dados mais recentes), a Serasa registrou um aumento de 60% no número de pedidos de recuperação judicial no setor, no somatório de pessoas físicas, jurídicas e empresas relacionadas ao agronegócio.

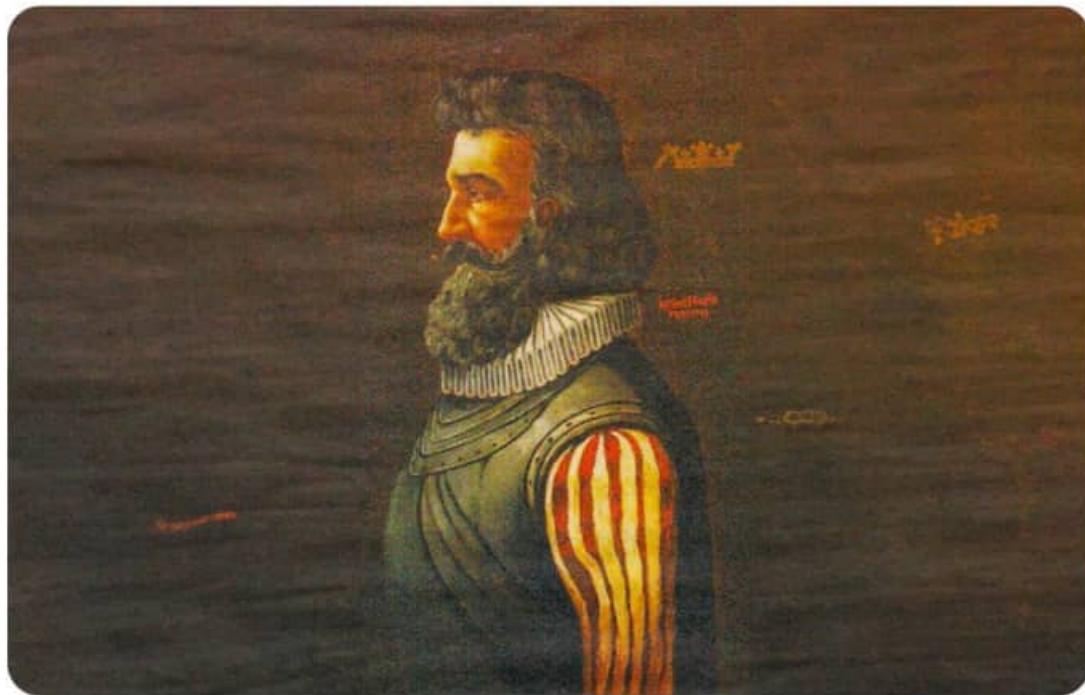
O pior resultado foi dos agricultores que atuam como pessoas físicas. Nos nove primeiros meses de 2024, foram 426 pedidos de recuperação para essa modalidade de produtor, mais do que o triplo do registrado no mesmo período do ano anterior. E esse aumento ocorreu sem que houvesse interrupções nas linhas de crédito. Não é preciso ter bola de cristal para saber que o resultado será muito pior se o Plano Safra continuar paralisado.



Foto: Shutterstock

# A saga amazônica de Pedro Teixeira – Parte 2

Em 12 de dezembro de 1639, Pedro Teixeira chegou a Belém do Pará, depois de dois anos de viagem, com um presente territorial inigualável para ofertar às gerações futuras do Brasil: a Amazônia



*"Se as nossas autoridades não se preocuparem com a Amazônia, mais cedo ou mais tarde, ela se destacará do Brasil, natural e irresistivelmente, como se desprega uma nebulosa de seu núcleo, pela expansão centrífuga de seu próprio movimento."*

**(Euclides da Cunha, Um Paraíso Perdido)**

Um ano depois de deixar Belém e navegar mais de 2 mil quilômetros subindo os Rios Amazonas e Napo, o capitão Pedro Teixeira, com parte de sua tropa, abandonou suas canoas em Payamino e seguiu a pé rumo a Quito. Numa região de vales e quebradas, ele saiu de uma altitude de algumas centenas de metros para “calcar com suas plantas os alcantilados cerros”, a quase 3 mil metros. Enfrentou o frio e os rios encachoeirados em pinguelas de corda. Foram mais de 50 dias para vencer 80 léguas até descer a quase centenária vila castelhana de Baeza, a 2 mil metros de altitude. Foi o pior trecho de sua jornada de Belém a Quito.

Informada por Bento Rodrigues, a Real Audiência de Quito já havia enviado a Baeza mensagens e meios para ajudar a expedição a concluir sua marcha. Aguardado e acolhido pelas autoridades, recebeu mantimentos, cartas e informações sobre a passagem de Bento Rodrigues. **Permaneceu oito dias em Baeza se recuperando**, e logo prosseguiu a Quito, uma centena de quilômetros, de montaria, por caminho bem traçado e frequentado.

O vice-rei do Peru em Lima, **Jerônimo Fernandez de Cabrera Bobadilla y Mendoza**, conde de Chinchón, também foi informado da chegada da vanguarda portuguesa a Quito. O intrépido coronel Bento Rodrigues e alguns de seus homens foram até Lima dar-lhe pessoalmente a notícia, além de informações sobre a expedição. Eles viram o Oceano Pacífico e retornaram a tempo de aguardar a chegada tão esperada de Pedro Teixeira.



Jerônimo Fernandez de Cabrera Bobadilla y Mendoza, o conde de Chinchón | Foto: Wikimedia Commons

Pedro Teixeira encontrou Bento Rodrigues, dez meses depois de terem se separado, aguardando-o com sua guarnição no povoado de Pupas, hoje [Pifo](#), “sentinela do Oriente, porta de entrada da Amazônia”. Sabendo de sua chegada, povo, clero e Câmara de Quito saíram ao seu encontro em procissão. Foram muitos eventos coreografados, vários dias de festejos organizados pelas autoridades, de *Te Deum* a corrida de touros. Uma [inscrição na fachada da Catedral de Quito](#) evoca esse feito.

Em 10 de novembro de 1638, Pedro Teixeira e Bento Rodrigues entraram juntos em Quito, triunfalmente acolhidos por D. Alonso de Salazar, presidente da Real Audiência. Os espanhóis custavam a acreditar: aqueles portugueses haviam subido o Amazonas de barco e a Cordilheira a pé. A correspondência entre D. Salazar em Quito e o vice-rei do Peru, o

conde de Chinchón em Lima, indica a clara preocupação com o feito dos lusos. Depois, em Madri, o Conselho das Índias sugeriu ao rei punir Jácome de Noronha por ordenar a expedição à revelia das autoridades espanholas.

A 2 de janeiro de 1639, Pedro Teixeira terminou de redigir em Quito sua “Relação do Rio das Amazonas”, um relato da sua senda naval e terrestre, hoje preservada no Museu da Ajuda, em Portugal. Ela termina com esta declaração: “E todo o contido nessa relação o certifico e juro pelos Santos Evangelhos ser tudo verdade por ter andado nele e visto com meus olhos e me ter certificado de muitas coisas para não parecer fabuloso”.

Por razões políticas, as autoridades de Lima determinaram, e as de Quito providenciaram, o rápido regresso ao Brasil dos lusitanos, acompanhados (e vigiados) por castelhanos. Ao final da viagem, esses súditos fiéis levariam a documentação a Madri. Recorreram ao provincial dos jesuítas, para tristeza dos

Franciscanos, e esse nomeou o **padre Cristóbal de Acuña**, irmão do corregedor de Quito, e o padre Andrés de Artieda, professor de teologia: “Partam imediatamente da cidade São Francisco de Quito, em companhia do Capitão Mor Pedro Teixeira, e chegando à do Pará, passem à Espanha, a dar conta ao rei, nosso Senhor, em sua real pessoa, de tudo o que cuidadosamente tiverem notado no decurso da viagem”.

Além dos jesuítas, acompanharam a expedição de retorno quatro religiosos da **Ordem Calçada de Nossa Senhora das Mercês**, os mercedários: Pedro de la Rua Cirne, João da Mercê, Diogo da Conceição e o superior dos três, Affonso de Armejo. Os dois últimos não chegaram a Belém, “a morte lhes tirou em caminho”. Os outros não seguiram à Espanha. Preferiram “fazer assistência perdurable no Pará” e construíram “Igreja e Convento de sua ordem junto ao mar entre o Convento dos Capuchos e o cotovelo da fronte de terra”, segundo o **Compêndio das Eras da Província do Pará**, de 1838.

O general D. Juan Vásques de Acuña, tenente capitão general do vice-rei do Peru, corregedor de Quito, ofereceu-se a participar, apoiar com seu pessoal, pagar soldados e mantimentos, dispor apetrechos, munições e arcar com os gastos para estar na jornada de regresso. Não surtiram efeito suas boas intenções, segundo o padre Acuña, seu irmão. Alguns homens de Pedro Teixeira ficaram em Quito e mudaram completamente de vida.

Pedro Teixeira saiu em 16 de fevereiro de 1937 e alterou o caminho da volta, por causa das dificuldades encontradas por Payamino. De Baeza seguiu para Archidona e desceu o Rio Misahualli até o Napo. A partir da atual Puerto Napo, desceu com seus homens pelo rio até a foz do Aguarico, por mais de 300 quilômetros. Foi grande a alegria dos portugueses em sua chegada, quase um ano depois de os deixar. Muita comemoração.

Havia ocorrido uma verdadeira guerra com os Encabelados. Índios foram mortos e feitos prisioneiros. Exemplo de disciplina, esses

militares e seus homens haviam resistido “a pé quedo”, com poucos alimentos e muitas enfermidades. Nunca pensaram abandonar o local ou não cumprir a missão designada. Pedro Teixeira ficou alguns meses, refazendo barcos perdidos, destruídos e organizando o retorno da expedição a Belém.

Em 16 de agosto de 1639, Pedro Teixeira fez celebrar uma missa solene, fixou um marco-padrão com as quinas lusitanas e tomou posse do local, entendido como o extremo ocidental da conquista portuguesa: Pródromo da Restauração. Ali, em uma das margens do Rio Napo, na confluência com o Aguarico, Pedro Teixeira fundou o povoado da Franciscana, seguindo instruções sigilosas de seu Regimento, para servir “de baliza aos domínios das duas Coroas”: a leste Espanha, a oeste Portugal.

Uma ata foi lavrada e assinada por uma dezena de testemunhas. Diz um trecho: “Tomo posse destas terras, se houver entre os presentes alguém que a contradiga ou a

embargue, que o escrivão da expedição o registre". Pedro Teixeira pronunciou essas palavras com as mãos cheias da terra do local. No final da declaração, atirou a terra para o ar. Como ninguém o contestou nem contradisse, o escrivão apanhou terra, colocou de novo nas mãos de Pedro Teixeira e fez assim a apreensão territorial "em nome de el Rey Felippe IV, Nossa Senhor pela Coroa de Portugal". A ata foi sabiamente registrada na Câmara de Belém e homologada nas duas capitais ibéricas. Quando da negociação do **Tratado de Madri**, em 1750, essa ata tornou inquestionável a posse portuguesa do alto Amazonas.

O padre Alonso Rojas redigiu a "Relación del descubrimiento del río e las Amazonas", em 1639, usada no livro **Novo Descubrimiento do Grande Rio das Amazonas**, do padre Cristóbal de Acuña, em 1641 (Madri). Ele refere-se ao caudillo Pedro Teixeira, com quem conversara ao longo da viagem, como alguém prudente e diligente, gastara de seus próprios bens "*sino también con mucho dispendio de su salud, si*

bien nada de esto es cosa nueva, en quien portantos años que há que sirve a su Majestad, nunca se há granjeado otros intereses que dar honrada cuenta de todo lo que se le há encargado, que há sido mucho". **Curiuá-Catu**, "**ou homem branco bom**", e amigo, assim os indígenas da expedição chamavam a Pedro Teixeira.

# NOVO DESCOBRIIMENTO DO GRANDE RIO DAS AMAZONAS

Cristóbal de Acuña

1641



Capa do livro  
*Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas*  
, do padre Cristóbal de Acuña, de 1641 | Foto:  
Reprodução

No final da expedição, Pedro Teixeira redigiu um “certificado” elogioso ao comportamento dos jesuítas, colocado integralmente no livro do padre Acuña:

*“E no tocante às obrigações do seu Hábito e serviço de Deus, acudiram sempre como costumam fazer os da sua Religião: pregando, confessando e doutrinando a todos os do exército, esclarecendo-os em suas dúvidas, reconciliando-os em suas renzilhas, animando-os em seus trabalhos e pacificando-os em suas discussões, como verdadeiros pais de todos; passando os mesmos incômodos e trabalhos que qualquer dos soldados particulares, tanto na comida, como em tudo o mais.”*

O relato do padre Acuña é detalhado e adverte o rei espanhol. em Memorial apresentado ao

Real Conselho das Índias, sobre o risco e os danos de uma aliança imaginária de portugueses com holandeses para conquistarem o Peru pelo leste, pela via do Rio das Amazonas: “*Pues si unidos com el holandes como lo estan muchos del Brasil, intentasen semejante atrevimiento, ya se ve el cuidado que pudiera dar*”. O governo espanhol mandou recolher e destruir a publicação, preocupado com a divulgação dessa rota às minas peruanas e possíveis pretensões territoriais portuguesas, numa futura Restauração do Trono Lusitano.

Juridicamente, para os critérios daqueles tempos, estava comprovado o princípio do direito privado romano do **uti possidetis, ita possideatis** (“quem possui de fato possui de direito”), delineando os contornos aproximados do Brasil de hoje. Era o direito de um país sobre um território ocupado de forma efetiva e prolongada, independentemente de título. **Legitimou-se cartograficamente** a posse portuguesa da protuberância amazônica em direção ao Pacífico, e isso tornou o Brasil

geopoliticamente coerente.

No Tratado de Madri de 1750, mais de um século depois da saga de Pedro Teixeira, o Brasil incorporou metade de seu território atual, grande parte da Bacia Amazônica, um imenso tesouro hídrico, geológico, biológico e cultural. O santista **Alexandre de Gusmão** foi o redator do Tratado e o idealizador da aplicação do **uti possidetis**.



Em 12 de dezembro de 1639, no advento do Natal, Pedro Teixeira, como uma espécie de Rei Mago equatorial, chegou a Belém (do Pará), depois de dois anos de viagem, com um presente territorial inigualável para ofertar às gerações futuras do Brasil: a Amazônia. Foram mais de 4 mil quilômetros a remo e vela. Realizaram mapas valiosos. Não eram [invenções cartográficas](#), ideológicas ou mentais. Foi Bento da Costa o autor do primeiro mapa do Rio Amazonas, editado em 1638, orientado leste-oeste, e conservado no Itamaraty. Ele reposicionou a [cartografia da Amazônia](#), lusitana e castelhana. O mapa dos leigos franciscanos, de maio de 1637, é conservado no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

Pelos serviços prestados na conquista da Amazônia, Pedro Teixeira foi agraciado com o título de

Marquês de Aquella Branca e nomeado, pelo rei Felipe IV, capitão-mor e governador da Capitania do Grão-Pará. Assumiu em fevereiro de 1640 e exerceu até maio de 1641. A Restauração, o fim da União Ibérica, ocorreu em 1º de dezembro de 1640. Eram novos tempos.

A cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará prosperou com a chegada de novos migrantes. Uma carta holandesa de 1640 reproduz com muita fidelidade a vila de Belém e seus arredores. Uma erupção do vulcão Faial, nos Açores, trouxe a Belém mais de 50 famílias de agricultores, em 1676. Outras cartas e plantas portuguesas posteriores de 1751, 1753, 1761, 1773, 1780 e 1800 permitem constatar a evolução urbana de Belém.

Pedro Teixeira desejava retornar a Portugal para cuidar de sua saúde, por tantas lutas e uma vida dedicada à defesa da Amazônia e dos interesses da Coroa Portuguesa. Deixou o governo do Pará a Francisco Cordovil Camacho. Quando preparava sua viagem para

Lisboa, uma doença tirou-lhe a vida. Morreu em 4 de julho de 1641, com idade entre 60 e 70 anos, dada a imprecisão na data de seu nascimento, situada entre 1570 e 1585. Foi sepultado na modesta Igreja de Nossa Senhora da Graça, face à ponte levadiça do Forte do Presépio. No século 18, seus restos mortais foram transferidos para a Catedral da Sé de Belém, sob o altar-mor.

Ele ainda é um personagem pouco conhecido na história do Brasil e de Portugal. Em Belém há um monumento com a [estátua de Pedro Teixeira](#), erigido em 1966, por ocasião dos 350 anos da fundação de Belém, diante do prédio da antiga aduana. Em Cantanhede, onde nasceu, há uma escultura em bronze, executada em 1993 por [Celestino Alves André](#). Em Cametá, de onde saiu sua expedição (Vila Viçosa), há [uma estátua e um obelisco](#). A [Rodovia BR-316](#), de Belém a Maceió, leva o nome de Pedro Teixeira.

Ninguém excedeu Pedro Teixeira em serviços à Coroa portuguesa na Amazônia. Graças ao seu valor e à facanha de sua esquadra.

Portugal expandiu sua fronteira amazônica até os contrafortes dos Andes. Sua vida é passagem incontornável a quem se interessa pela Amazônia. Hoje, o Estado é incapaz de promover o desenvolvimento regional.

Promove **o atraso**, o “subdesenvolvimento sustentável” e a insegurança jurídica no mundo rural.

Várias dimensões da soberania nacional sobre a Amazônia já foram perdidas, entregues a ONGs, organizações e fundos estrangeiros, além do narcotráfico. Pior, a retórica de governantes, elites bancárias e certos “faria limers” indica uma possível capitulação na futura COP30 de Belém, ao aceitar a soberania compartilhada da Amazônia com potências estrangeiras.



Várias dimensões da soberania nacional sobre a Amazônia já foram perdidas, entregues a ONGs, organizações e fundos estrangeiros, além do narcotráfico | Foto: Shutterstock

O **general Rodrigo Otávio Jordão Ramos** deixou uma frase lapidar, dístico presente na fachada dos quartéis na Amazônia: “Árdua é a missão de desenvolver e defender a Amazônia. Muito mais difícil, porém, foi a de nossos antepassados em conquistá-la e mantê-la”. Missão perdida? Como defendê-la? Haverá capitulação e crime de lesa-pátria em Belém

na COP30? A Amazônia brasileira será, ainda mais, **derridamente** desconstruída?

Dar vida digna a quase **30 milhões de habitantes** da Amazônia! As 750 cidades da Amazônia possuem os piores índices de desenvolvimento social e saneamento. Avançar em regularização fundiária e assistência a **1 milhão de produtores rurais**. Só em assentamentos do Incra há meio milhão de famílias, em mais de 2,3 mil projetos agrários, sem título de propriedade. A principal garantia da soberania nacional sobre a Amazônia é a presença humana. *Uti possidetis.*

# Trânsito congestionado para a Lua

Startups e pequenas empresas estão pousando naves em nosso satélite. A também China está de olho



No domingo, dia 2 de março, às 4h34 da manhã (hora de Brasília), uma nave pousou numa planície da superfície da Lua chamada Mare Crisium. A nave se chama Blue Ghost ("fantasma azul") e foi construída por uma startup texana chamada Firefly Aerospace. É isto mesmo: uma startup que ninguém conhecia até a semana passada lançou uma nave que pousou perfeitamente na Lua.



A Firefly explicou o programa no seu site com

A Firefly explicou o programa no seu site com a mesma leveza com que falaria de uma entrega de supermercado em domicílio por meio de motoboys:

*"O módulo lunar Blue Ghost, da Firefly, está voando em missões anuais para a Lua com serviços de carga personalizados para a tecnologia e objetivos de exploração de cada cliente. Oferecendo oportunidades de compartilhamento de viagens e missões dedicadas, a Blue Ghost pode entregar e hospedar cargas em qualquer lugar da superfície lunar. Quando pareada com os veículos de lançamento e orbitais da Firefly, a Blue Ghost oferece suporte a serviços lunares de ponta a ponta da Terra para a Lua e além."*

É uma empresa de apenas 11 anos de existência que já tem base de lançamento e constrói seu próprio foguete, o Firefly Alpha. Operações espaciais eram conquistas de Estado: a Nasa nos EUA e o Roscosmos russo. Hoje, a conquista da Lua está sendo realizada por empresas particulares, numa espécie de

terceirização. A Nasa deu uma ajuda de US\$ 101,5 milhões para a Firefly. A grande estatal do espaço resolveu terceirizar seus serviços e se tornou muito mais ágil.

## Vinte minutos de suspense

A Blue Ghost fez sua viagem basicamente para levar dez instrumentos da Nasa. Aproveitou para estudar o efeito da poeira lunar — chamada regolito — na nave. E descobriu que os sinais de GPS de satélites ao redor da Terra foram captados pela Blue Ghost. O que pode ajudar no próximo pouso.

O *New York Times* contou os detalhes do pouso da Blue Ghost. “Cerca de uma hora antes do pouso”, segundo a reportagem, “a espaçonave executou um comando pré-programado para disparar seu motor principal por 19 segundos, a fim de sair de uma órbita de 62 milhas de altura e seguir um caminho descendente em direção à superfície. Naquele momento, a nave espacial estava atrás da Lua e fora de comunicação. Ninguém na sala de operações de voo sabia como a nave espacial

estava até que ela emergisse, cerca de 20 minutos depois".



A Blue Ghost acionou seu motor para pousar na Lua, ficando 20 minutos sem comunicação antes de reaparecer | Foto: Reprodução/X

Imagine o grau de sofisticação tecnológica necessária para fazer uma manobra dessas. Pois uma *startup* do Texas conseguiu sem que ninguém estivesse prestando atenção. Seu fundador, Thomas Markusic, já trabalhou para a SpaceX (de Elon Musk), a Blue Origin (de Jeff Bezos) e a Virgin Galactic (de Richard

Branson). O que faz de Markusic o representante de uma segunda geração de exploradores privados do espaço.

## No lado oculto da Lua

O pouso do primeiro humano na Lua (Neil Armstrong, 1969) teve *status* de vitória definitiva dos Estados Unidos contra a União Soviética. Em 14 de dezembro de 1972, os astronautas Eugene Cernan e Harrison Schmitt foram os últimos a pisar no nosso satélite.

Agora, 53 anos depois, a Nasa tem o projeto Artemis, que reúne vários países e várias empresas com o objetivo de levar definitivamente humanos para a Lua. O projeto inclui a montagem de instalações para os astronautas, alojamento, fonte de energia, laboratórios etc. Água aparentemente existe em abundância.

Os russos desistiram da corrida. A China tem seu próprio projeto, mas ele é secreto. Os

chineses conseguiram um grande feito no início de 2019 ao pousarem a nave Chang'e 4 no lado oculto da Lua. Ninguém tinha feito isso antes, nem conseguiu fazer depois. Hoje, o lado oculto é uma espécie de "território chinês", por falta de concorrentes. Mas ainda neste ano a Blue Ghost deve romper esse monopólio pousando sua segunda nave no outro lado do satélite.

## A primeira rede lunar de celulares

Em fevereiro do ano passado, outra empresa particular, a Intuitive Machines, também do Texas, pousou a nave Odysseus na Lua. Foi o primeiro pouso de uma empresa privada na Lua (e a primeira nave americana desde 1972). Nesta quinta-feira, dia 6 de março, a nave Athena, também da Intuitive Machines, pousou próximo ao polo sul da Lua. Levou, entre outros robôs, uma sonda para procurar vestígios de água congelada. O pleno sucesso da operação ainda não foi confirmado.



A Odysseus, da Intuitive Machines, foi a primeira nave de uma empresa privada a pousar na Lua | Foto: Divulgação/Intuitive Machines

Outro dos veículos levados pela Athena deve estabelecer um marco: instalar a primeira rede de celular da Lua, em parceria com a empresa Nokia. As antenas da Nokia deverão ser instaladas em diferentes pontos por pequenos veículos aéreos semelhantes a drones, mas movidos a jato (já que na Lua não existe

atmosfera para as hélices).

Outras mininaves levadas pela Athena mostram o sentido bem prático dessa nova onda de exploração espacial. Uma dessas naves vai sobrevoar o satélite para mapear as fontes subterrâneas de água. Outra vai procurar sinais de metais preciosos para uma futura exploração comercial.

## **Empreendimento de risco**

A fila não para. Em 5 de junho deve pousar no Mare Frigoris (Mar do Frio) a nave Resilience, também criada por uma empresa particular, a Ispace. A empresa, com sede no Japão, tentou um primeiro pouso em abril de 2023, mas se espatifou na cratera Atlas a mais de 300 quilômetros por hora.

Não é, claro, um empreendimento sem riscos. Fora a Ispace, sete programas diferentes já se chocaram com a superfície lunar: Rússia, Estados Unidos, Japão, Agência Espacial Europeia, Índia, China e Israel.

A última tentativa da Rússia foi com a sonda Luna-25, que se chocou com a superfície em agosto de 2023. A Índia conseguiu pousar o Chandrayaan-3 quatro dias depois da queda do Luna russo. Quatro anos antes, em abril de 2019, a empresa israelense tentou pousar a nave Beresheet, mas ela se chocou com a superfície. Ainda em 2006, a primeira sonda europeia (a Smart-1) também se atirou contra a Lua, mas o choque fazia parte da missão.

## **Em 15 anos, a primeira cidade da Lua?**

Como aconteceu no século 16, estamos numa nova corrida de conquistas de novas terras – no caso, corpos celestes. Colocar humanos definitivamente na Lua é uma ponte para a exploração de Marte, como sempre diz Elon Musk. Ele fala constantemente que a humanidade deve ser multiplanetária se quiser sobreviver no longo prazo.

A China quer levar seus primeiros astronautas para a Lua daqui a cinco anos. Eles pretendem pousar no polo sul do satélite, onde estão os maiores depósitos de água. O deputado Brian

Babin (Republicanos, Texas) declarou que sua maior preocupação é que os astronautas da Nasa “chegarão à Lua apenas para serem recebidos por uma placa que diz ‘entrada proibida’, em mandarim”. Por via das dúvidas, o projeto Artemis, da Nasa, pretende colocar astronautas na Lua antes dos chineses, até 2027.

Qual modelo vai conseguir seu objetivo? O modelo estatal chinês ou o público-privado seguido pelos EUA, Israel e Japão? Quem viver verá.

Segundo projeções da empresa Ispace, em apenas 15 anos – o tempo que se leva para virar adolescente – a Lua poderá ter sua primeira cidade funcionando para cientistas, exploradores e turistas.

i space

# Ispace 2040 Vision Movie

inspace



Assista no YouTube

[dagomirmarquezi.com](http://dagomirmarquezi.com)  
[@dagomirmarquezi](https://twitter.com/dagomirmarquezi)

# A crueldade da cultura woke

A comunista Ash Sarkar está criticando a política identitária.  
Desculpe, Ash, tarde demais



A maioria das pessoas conheceu a jornalista Ash Sarkar quando ela gritou “Sou literalmente uma comunista, seu idiota!” para Piers Morgan, no *Good Morning Britain*, em 2018. A cena viralizou. A imprensa liberal a chamou de porta-voz de sua geração. A *Teen Vogue* ficou encantada. Até hoje você encontra socialistas empoderadas em Homerton usando brincos com os dizeres “*literally a communist*” (“literalmente uma comunista”). Eles custam 25 libras. O comunismo de Sarkar tinha menos a ver com as classes trabalhadoras desafiando o sistema e mais com a classe média irritando o papai.



I'm Literally a Communist Y...



HAPPENING TODAY

TRUMP'S UK VISIT

Thousands expected to protest against U.S. president today and tomorrow

7:32

ITV NEWS

UVF THREATENS 'SERIOUS DISORDER' IN EAST BELFAST

Mas, para mim, existe um clipe de Sarkar muito mais revelador, de dois anos antes. Foi em julho de 2016, duas semanas depois da votação do Brexit. Sarkar e seus amigos jornalistas da Novara Media fizeram um de seus safáris de classe em Barking, leste de Londres. E perguntaram aos brancos da classe trabalhadora por que tinham votado pela saída da União Europeia. Sarkar então encontrou um rapaz de apenas 17 anos vestindo uma camisa do time inglês West Ham. Ele está nervoso,

pouco articulado e se enrola na resposta. O garoto diz que tem muita gente vindo para cá e “roubando nossos empregos”, mas também que “eles não estão trabalhando”. Sarkar olha diretamente para a câmera, para a plateia de falsos radicais abastados da Novara, e arqueia uma sobrancelha. E lá estava a expressão que viria a definir o que hoje é chamado de esquerdismo: o olhar cético do escárnio burguês.

A esquerda adorou o espetáculo. Seus colegas woke da publicação britânica Joe convidaram seus leitores de coque no cabelo a “se deleitar” com o rapaz fazendo papel de bobo. Vejam só. Esse triste episódio registrou a verdade e a crueldade da política identitária, a maneira como ela se tornou um meio para os esquerdistas de boa formação zombarem dos “brancos” que estão mais embaixo na escala social. Aliás, a Novara intitulou sua corajosa expedição ao coração sombrio de Barking como “*The unbearable whiteness of Brexit*” (“A insuportável branquitude do Brexit”). Uma comunidade destituída de seu *status*, de seu

brilho e de sua história, reduzida as suas características raciais: esse foi o veneno do identitarismo.



Então imagine minha surpresa quando soube que Ash Sarkar agora acha que a política identitária é um pouco duvidosa. Ela está promovendo seu novo livro, *Minority Rule: Adventures in the Culture War*. Pelo jeito, ela acha que “o woke está morto” e que a esquerda está “se destruindo” com uma

política que se resume a “eu, meu, experiência subjetiva, experiência vivida”. Sarkar diz que a esquerda enlouqueceu com o identitarismo e “em nenhum momento alguém disse: ‘Calma lá’”. Não? Nós dissemos, sim. Todos nós dissemos “Calma lá”. E fomos chamados de preconceituosos, transfóbicos e racistas por fazermos isso. Ash pode escrever um livro se quiser, mas não pode reescrever a história.

### **'Não seja um babaca'**

Ver a equipe da Novara Media criticando a política identitária é um pouco como ver a Shell lamentando a poluição – essas pessoas bombardeiam o eleitorado com esse lixo corrosivo há mais de dez anos. Foram a vanguarda do woke, alimentando os jovens da classe média britânica, que têm tempo de sobra, com uma dieta constante de bobagens sobre raça, supremacia estrutural e violência quanto à identidade de gênero. Veja, se você acha que vamos ouvir um sermão sobre a loucura da política identitária de uma publicação da mídia que acredita que é um

"ato psicologicamente dominante" se referir a uma pessoa que tem pênis como "ele", você deve estar louco.

A Novara está totalmente obcecada com a "branquitude". Além de reclamarem da "insuportável branquitude do Brexit" – uma ótima maneira de apagar as minorias étnicas que votaram pela saída da UE –, eles se manifestaram sobre a verdade "tautológica" do "privilégio branco" e a "formação discursiva da branquitude". Frases de efeito. Que vão levar as pessoas às barricadas. E deram conselhos arrogantes para as "pessoas brancas" sobre como serem menos racistas. "Não seja um babaca" foi uma das dicas de Sarkar. O mesmo vale para você. "A branquitude [é] um composto", ela explicou certa vez. Não se trata de um "processo único de racialização contra uma outra raça única e tangível", mas de "muitos processos diferentes de racialização". Eu criticaria se soubesse o que isso significa.

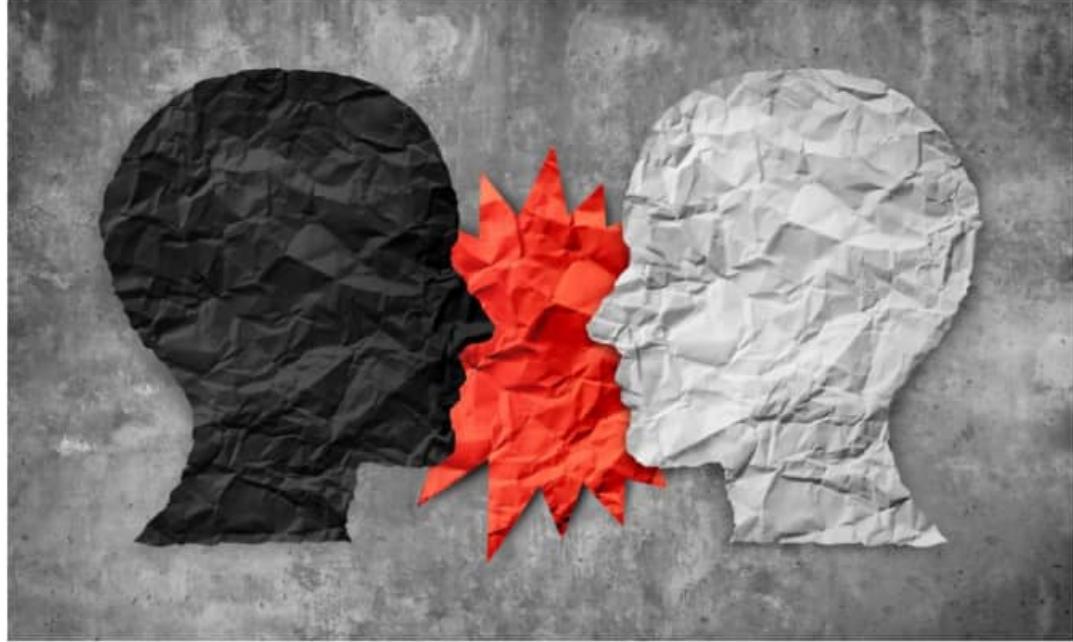


Foto: Lightspring/Shutterstock

Os jornalistas da Novara criticam “a questão estrutural” da “supremacia branca” no Reino Unido. Sinto muito, mas qualquer um que ache que a Grã-Bretanha é uma nação supremacista branca precisa ser internado, e não escrever colunas em uma revista on-line. Eles reclamam que a “elite governante” da Grã-Bretanha é “desproporcionalmente branca”. Talvez isso se deva ao fato de 82% das pessoas na Inglaterra e no País de Gales serem brancas? É só um

chute. E ficaram empolgados quando o rolo compressor da deprimente política racial dos Estados Unidos – Black Lives Matter (Vidas Negras Importam) – invadiu o Reino Unido. “O que os brancos devem fazer agora”, aconselharam. Não parar na rua se virem uma equipe de filmagem da Novara Media seria minha primeira dica.

## **Puberdade agora é fascismo**

Depois, temos a loucura do gênero. A equipe da Novara tem sido uma tropa de choque do delírio pós-verdade da ideologia trans. Eles ficam nervosos com o “ciscurso” sobre as questões trans. Adoro o fato de terem juntado duas palavras que nenhuma pessoa normal usa (“cis” e “discurso”), expondo com clareza a arrogância acadêmica por trás desse *cosplay* marxiano. Ash defende a rígida etiqueta eduardiana da linguagem trans. “‘Cis’ é apenas um prefixo usado para descrever pessoas que se identificam com o mesmo gênero de seu nascimento”, ela explicou certa vez sobre o termo “mulher cis”. Não é, não. É uma calúnia

misóginia que transforma as mulheres em um subconjunto de seu próprio sexo.

Novara apoia as crianças “em transição”. “A transição é boa para adolescentes trans”, declarou uma manchete. Quando a Grã-Bretanha finalmente caiu em si sobre a insanidade de bombardear crianças confusas, muitas delas gays ou autistas, com bloqueadores de puberdade que têm graves consequências para a fertilidade e a saúde mental, a Novara enlouqueceu. Negar esses medicamentos às crianças é a prova de que estamos vivendo um “pânico moral transfóbico em rápida escalada” e um “fascismo em ascensão”, eles afirmaram. Sim, deixar as crianças passarem pela puberdade agora é fascismo.

A Novara Media está totalmente tomada pela política “queer”. Ela publica vídeos perguntando: “O que é homonacionalismo?”. Como se alguém se importasse com isso. E discute “a violência como o estado normativo da vida queer”. É mesmo?

E assim por diante. A doutrina vazia de “interseccionalidade” da Novara destroi qualquer possibilidade de solidariedade de classe ou até mesmo de bom senso. Até hoje, Sarkar parece estar mais preocupada com o impacto do woke em sua preciosa esquerda. “Como a esquerda está SE DESTRUINDO!” foi o título da entrevista que o podcast *The News Agents* fez com Sarkar no mês passado. Estou muito mais preocupado com as vidas que o woke destruiu.

## **Woke: um modismo para a esquerda classe média**

Sejamos claros. Mulheres foram estupradas por causa do woke, por causa da política desvairada de colocar homens (“mulheres trans”) em prisões femininas. Será que Sarkar ainda defende essa política? Certa vez, ela chamou Julie Bindel de “intolerante antitrans” por se opor ao encarceramento de “mulheres trans” em prisões femininas. Jovens homossexuais foram mutiladas por causa do woke, por causa da nova histeria que diz que

remover os seios de uma lésbica magicamente a transforma em um homem. Nada sugere que a Novara tenha mudado de opinião sobre esse elemento tão letal da loucura identitária.

O poder da classe trabalhadora foi ainda mais enfraquecido por causa do *woke*. Ele já estava em um estado deplorável depois dos anos 1980 e 1990. Mas, agora, aqueles que diziam que classe é mais importante do que raça, e que os trabalhadores de todas as origens deveriam se unir contra as elites que os odeiam, estavam sendo tachados de “reducionistas de classe” e até mesmo de racistas. Essa sempre foi a ironia desses novos marxistas: eles se apresentavam como radicais, mas tanto sua política neoliberal de identitarismo quanto sua hesitação com o “blá-blá-blá” da classe trabalhadora os fazem parecer completamente thatcherianos. Querem até que as minas de carvão sejam fechadas, como ela fez.

Esse é o verdadeiro saldo do *woke*. Talvez tenha sido apenas um modismo para a esquerda de classe média, que pode ser

descartado agora. Talvez para as elites liberais tenha sido apenas um meio de acumular virtudes. Mas para os demais – mulheres, jovens homossexuais, trabalhadores – foi uma ideologia venenosa que afetou suas vidas, seus meios de subsistência e seus corpos da maneira mais terrível. Se você foi um entusiasta dessa política, não basta apenas dizer “Ops”. Sinto muito, Ash, esse tipo de *mea culpa* não basta e chegou tarde demais.





Ash Sarkar veste camiseta com os dizeres 'Eu sou literalmente uma comunista' | Foto: Reprodução/Redes sociais

*Brendan O'Neill* é repórter-chefe de política da Spiked e apresentador do podcast da Spiked, [The Brendan O'Neill Show](#). Assine o podcast [aqui](#). Seu novo livro, [After the Pogrom: 7 October, Israel and the Crisis of Civilisation](#), foi lançado em 2024. Brendan está no Instagram: [@burntoakboy](#).

# Imagen da Semana: Seis Triplo Oito

Formado apenas por mulheres negras, o Batalhão 6888 do Exército americano restaurou a esperança e o moral de mais de 7 milhões de soldados no final da Segunda Guerra Mundial



O Batalhão 6888 foi a primeira e única unidade do Exército americano formada por 855 mulheres negras a servir na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Sua importância na história foi substancial. No entanto, ao longo do tempo, o grupo foi esquecido.

Somente depois de sete décadas, o Batalhão começou a ter o reconhecimento que merece. Em 2021, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma lei que condecorou o 6888, também conhecido pelo nome Seis Triplo Oito (*Six Triple Eight*), com a Medalha de Ouro, uma das honrarias mais altas do país.

Infelizmente, existem pouquíssimos documentos sobre o Batalhão nos relatórios de operações da Segunda Guerra Mundial, registrados entre 1940 e 1948. Recentemente, em dezembro do ano passado, um filme de Tyler Perry foi lançado na plataforma de streaming Netflix e ficou entre os indicados na categoria Melhor Canção Original da 97<sup>a</sup> edição do Oscar — realizada no último domingo, 2 —, pela balada *The Journey*, de

Diane Warren. A música é apresentada no final do filme e tem como pano de fundo imagens de arquivo históricas da unidade.



Lideradas pela tenente-coronel Daytonian Charity Adams Earley, as mulheres do 6888º tinham uma missão que parecia impossível. Elas ficaram responsáveis por classificar e dar fluxo a 17 milhões de cartas estagnadas enviadas e recebidas por militares que estavam lutando no *front* e por membros da

Cruz Vermelha. Elas tiveram seis meses para completar o trabalho, mas terminaram em apenas 90 dias, entregando correspondências a mais de 7 milhões de soldados.

Um dos poucos registros oficiais mostra que as mulheres foram enviadas, inicialmente, para Birmingham, na Inglaterra, só em 4 de março de 1945 – seis meses antes do fim da guerra. Birmingham era onde estavam localizadas as cartas paradas, em inúmeros hangares da base militar. Depois foram designadas para Rouen, na França. As mulheres trabalhavam três turnos de oito horas, sete dias por semana, para resolver o atraso, com cada turno tendo cerca de 65 mil correspondências. Mantinham cartões de informações atualizados sobre cada soldado.

9. STATUS	10. DATE	11. AUTHORITY
ACTIVATED		See Remarks
INACTIVATED OR DISBANDED		See Remarks
12. REMARKS (Redesignations, etc.)		
6888 Central Postal Directory, Hq, organized 4 Mar 45, per Organization Order # 147, Hq, Com-Z, European Theater of Operations, dated 4 Mar 45.		
6888 Central Postal Directory inactivated 9 Mar 46 per CO # unknown, Army Service Forces, New York Port of Embarkation Hq, Camp Kilmer, N.J., dated unknown.		
Locations:		
England	4 Mar 45 - 19 May 45	
France	23 May 45 - 26 Feb 46	
United States	8 Mar 46 - 9 Mar 46	

Documento apresenta a localização do Batalhão 6888 em 1945, durante a Segunda Guerra Mundial | Foto: National Archives

"A coisa mais importante sobre as integrantes do Six Triple Eight é o trabalho que fizeram em um momento extremamente difícil", disse Earley. "E faziam sua tarefa inteiramente à mão, sem computadores, máquinas de classificação ou scanners. Realizaram uma tarefa que ninguém pensava que poderia ser feita naquele intervalo de tempo e sob tais circunstâncias, e a executaram bem. E é por isso que merecem ser homenageadas."

Perante a adversidade e a discriminação, incluindo a vida em habitações segregadas, sem luz e calor adequados, a dedicação e a coragem dessas 855 mulheres trouxeram esperança quando esta era uma das poucas coisas que restavam para quem lutava na linha de frente.



Fotografia de Charity Adams à frente de seu Batalhão 6888 | Foto: National Archives

**Daniela Giorno** é diretora de arte de Oeste e, a cada edição, seleciona uma imagem relevante na semana. São fotografias esteticamente interessantes, clássicas ou que simplesmente merecem ser vistas, revistas ou conhecidas.